

O PROLETÁRIO

Nº
44

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal

NESTA EDIÇÃO:

64 anos do Assassinato de Leon Trotsky	02
O programa Revolucionário é fruto da elaboração coletiva e como expressão do Materialismo	03/05
Grupo Bolchevik (França) Resposta à FTI-CI e ao POR argentino e balanço da Pré-Conferência em Brasil	06/20
Algumas considerações iniciais de POM	20/21
Ata da Pré-Conferência	21/23
Chamamento internacional às organizações operárias, camponesas, estudantis, e a todas as organizações que reivindicam revolucionárias.	23/26
Preparação ao XX Congresso da APEOESP	26/35
De como se dá o controle ideológico	36
VOTE NULO NESTAS ELEIÇÕES	37
Adquiram a Resolução Política do 6.º Congresso do POM Vejam: Como os Estados capitalistas, diante da prolongada crise de superprodução, caminham para a barbárie, assumindo o pré-fascismo. Vejam como o PT se transforma de social reformismo para social imperialismo.	

Escreva para o Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

Venham para os cursinhos de Marxismo.
Informem-se!
Só com consciência de classe (construção de um Partido Revolucionário), com a tomada das fábricas e terras das mãos da burguesia, passando-as para as mãos dos trabalhadores, teremos os problemas do campo, moradia, emprego, salário e condições de vida resolvidos.

Foram realizadas várias manifestações no Brasil e no mundo em homenagem ao combatente Marxista golpeado pelo agente stalinista em 20 de agosto de 1940 no México, vindo a falecer no dia seguinte, 21 de agosto de 1940.

Em São Paulo foram organizadas várias palestras e atividades políticas.

Na PUC/SP, no dia 19 de agosto realizou-se atividade convocada por ER-QI(Estratégia Revolucionária - Quarta Internacional) e Comum (Corrente Marxista Universitária).

Participaram como palestrante Antonio Rago Filho—Professor Doutor do Departamento de História, e Emilio Albamonte—Dirigente do PTS da Argentina. Ambos os fundamentaram a vigência do Marxismo em nossos dias e a importância teórica do combate de Leon Trotsky.

Foi feito um duro combate às idéias equivocadas do cientista político Jaguaribe que sustenta que o Marxismo está ultrapassado e que no capitalismo globalizado há que se fortalecer os Estados nacionais como política anti-globalização que destrói aos mesmos segundo Jaguaribe.

Os presentes fizeram duas interrogações que se destacaram: Primeiro, sobre a defesa das idéias e do programa do PT em seu nascedouro e, segundo, sobre a situação política na Argentina, especificamente sobre a crise ou situação pré-revolucionária.

Houve uma defesa da importância das bases programáticas iniciais do PT bem como o importante papel que desempenhou no movimento operário na década de 80. Houve duas intervenções no sentido de que o PT das origens cumpriu parte da transição orquestrada pelos intelectuais burgueses e a igreja, como parte da transição burguesa e de domesticar o movimento operário e popular.

Já com respeito à crise pré-revolucionária ou revolucionária na Argentina, o palestrante fez ver que não se tratava de uma crise revolucionária consciente e sim devido à desorganização financeira e centrada em setores não ligados aos meios de produção (movimento operário); que a crise esbarrou na crise de Direção; que se está gestando embriões de escola de Marxismo entre os oprimidos.

Bibliografia de Trotsky

1879: Trotsky nasce no dia 25 de outubro, em Yanovka, perto de Odessa, na Ucrânia Meridional. Seus pais são Davi Leontievitch Bronstein, abasta-

do agricultor judeu, e dona Ana.

1888-95: Frequenta as escolas secundárias de Odessa.

1896: Para frequentar um curso preparatório aos estudos universitários, transfere-se para Nikolaiev.

1897: Após terminar o colégio, dedica-se à organização de uma associação clandestina, a *União Operária Russa Meridional*.

1898: Preso pela polícia czarista, permanece encarcerado por quase dois anos.

1900: Casamento com a Alexandra Sokolovskaia. Condenado a quatro anos de deportação na Sibéria. Parte com a esposa e se estabelece em Verkholensk, onde entra em contato com o Partido Social-Democrático siberiano. Durante a deportação lhe nascem duas filhas.

1902: Consegue fugir da Sibéria e, em Londres, une-se a Lênin e outros emigrados políticos russos. Encontra, em Paris, Natália Sedova, que se tornará sua segunda mulher.

1903: Em Bruxelas, congresso do Partido Comunista. Cisão entre os bolchevistas, liderados por Lênin, e menchevistas, liderados por Martov. Trotsky se alinha com o segundo.

1904: Em setembro, Trotsky rompe com os menchevistas.

1905: Irrompe, em janeiro, a primeira revolução russa. Trotsky vai para São Petersburgo e torna-se presidente do soviet da cidade. É preso no dia 3 de dezembro.

1906: Dia 2 de novembro, segunda condenação de Trotski à deportação para a Sibéria.

1907: Durante a viagem para a Sibéria, Trotski mais uma vez consegue fugir e, perto de São Petersburgo, une-se à esposa que, nesse meio tempo, dera à luz ao filho Liova. Em abril, Trotski chega a Londres para participar de um congresso do Partido Social-Democrático russo. Primeiro encontro com Stalin.

1908: Nasce o segundo filho, Sergei. Após uma breve estada em Berlim, o casal Trotski se estabelece em Viena, onde permanecerá até 1914.

1914: Explode a I Guerra Mundial. Trotski se transfere para Zurique e depois para Paris.

1915: Participa da Conferência de Zimmerwald (Suíça).

1916: Expulso da França em Setembro, vai para a Espanha.

1917: A 13 de janeiro, Trotski e família chegam a Nova York. Fevereiro: começa a revolução russa. Maio: chegada de Trotski a Petrogrado. Julho: após o malogro de um levante popular, o governo

Kerensky desencadeia uma campanha repressiva contra Lênin e seus seguidores. Trotski é encarcerado no dia 29 deste mês. Agosto: durante os trabalhos do VI Congresso, o grupo político dos seguidores de Trotski, *Mezrayonka*, ingressa no Partido Bolchevista. 25 de outubro (7 de novembro): os bolchevistas conquistam o poder da insurreição armada, organizada por Trotski e liderada por Lênin.

1918: Nomeação para Comissário do Exterior. Conversações de paz com os alemães em Brest-Litovsk.

1919-1920: Guerra civil na Rússia. Trotski é o organizador e o comandante-chefe do Exército Vermelho.

1921: De 1 a 7 de março, revolta de Kronstadt.

1922: Stalin é nomeado Secretário-Geral do Partido Comunista (bolchevista) russo.

1923: Março-abril: a doença de Lênin desencadeia a luta pela sucessão. Forma-se um triunvirato, composto por Stalin, Zinoviev, Kamenev, com o objetivo de impedir que Trotski chegue ao poder.

1924: Morte de Lênin a 21 de janeiro. A 11 de outubro Trotski publica *As Lições de Outubro*.

1925: Janeiro: Trotski é exonerado do cargo de Comissário de Guerra. Zinoviev e Kamenev se esforçam para que seja excluído do Politburo. Em dezembro, Zinoviev e Kamenev se afastam de Stalin.

1926: Zinoviev e kamenev procuram o apoio de Trotsky contra Stalin. Os três formam a Oposição Unificada. Em fins de outubro, Trotsky é destituído do politburo.

1927: A 9 de novembro, Trotski, Zinoviev, Kamenev e opositores são expulsos do partido. 19 de dezembro: Stalin condena Trotski à deportação.

1928: Trotski vive durante um ano em Alma Ata, capital do Cazaquistão.

1929: Expulso da U.R.S.S, Trotski se estabelece na ilha de Prinkipo, perto de Constantinopla.

1930-33: Trotski escreve a *autobiografia* e a *Historia da Revolução Russa*. Na Rússia, Stalin realiza a "guinada à esquerda": incentivo à indústria pesada e coletivização da agricultura.

1933-35: Permanência de Trotski na França.

1936: Transferido para a Noruega. Escreve *A revolução Traída*, uma acusação contra a burocracia stalinista. Stalin inicia os "expurgos"

1937: Trotski parte para o México, onde lhe foi assegurado o direito de asilo pelo presidente Cárdenas. Fixa residência em Coyoacán, próximo à cidade do México.

1937-38: Novos processos públicos em Moscou. Grande parte dos líderes do partido bolchevista,

do exército Vermelho e do serviço público são justificados. Uma comissão, constituída sobre a presidência do filósofo americano John Dewey, declara Trotski inocente de todas as culpas a ele atribuídas nos processos de Moscou.

1938: È convocada em Paris uma conferência para a constituição da IV Internacional, organização dos trabalhadores criada por Trotski para fortalecer os princípios socialistas, em oposição ao Comintern de Stalin.

1939: Em setembro, início da II Guerra Mundial. Chega à cidade do México Ramón Mercader, com o nome suposto de Jacques Mornard, o homen que assassinará Trotski.

1940: A 24 de maio, o primeiro atentado à vida de Trotski, executado por um comando de homens disfarçados com uniformes de policiais mexicanos. Maio-agosto: o partido comunista mexicano declara que o atentado foi organizado pelo próprio Trotski para denegrir Stalin e o stalinismo. Trotski desmente categoricamente. 20 de agosto: Ramón mercader tem um pretexto para entrar no escritório de Trotski. Com um picão de alpinista desfere-lhe um golpe mortal. Trotski morre no dia 21 de agosto.

O programa Revolucionário é fruto da elaboração coletiva e como expressão do Materialismo.

Discussão com Trotsky sobre o Programa de Transição.

Texto traduzido da versão francesa (baseada, por sua vez, no original inglês), publicada por Edições S.E.L.I.O., Paris, 1970, e cotejada com a versão castelhana publicada por Edições Pluma, Buenos Aires, 1973. (Estamos publicando somente uma pequena parte da polemica).

A presente discussão sobre o projeto do Programa de Transição (que seria aprovado três meses depois, quando da fundação da IV Internacional) deu-se entre Trotski e alguns dirigentes do SWP (Socialist Workers Party) dos Estados Unidos. De acordo com a taquígrafa que nela tomou parte, o texto não foi corrigido posteriormente por nenhum dos participantes.

Trotski - O significado do programa é o significado do Partido. O Partido representa a classe operária. Compõe-se de uma seleção dos elementos

mais conscientes, avançados e devotados à causa do proletariado. Pode ter um papel político e histórico importante sem relação direta com sua força numérica. Pode ser um pequeno partido, numericamente falando, e representar um grande papel. Por exemplo, na primeira Revolução Russa, de 1905, a fração bolchevik não possuía mais que 10 mil membros e os menchevik, de 10 a 12 mil, no máximo. Nesta época pertenciam ao mesmo partido, isto significa que o Partido como um todo não possuía mais de 20 a 22 mil membros. Entretanto, o Partido dirigiu os soviets, através de todo o país, graças a uma justa política e também à sua coesão. Podemos objetar que a diferença existente entre os russos e os americanos, ou qualquer outro país capitalista antigo, é a de que o proletariado russo era um proletariado jovem sem qualquer tradição de sindicalismo ou reformismo conservador. Era um jovem e puro proletariado que tinha necessidade de uma direção e a procurava; se bem que em seu conjunto o Partido não contasse mais de 20 a 22 000 membros, ele guiou cerca de 23 milhões de trabalhadores ao combate.

Agora pergunto, o que é o Partido? Em que consiste sua coesão? Ora, esta coesão consiste na compreensão comum dos acontecimentos e das tarefas, e é esta compreensão que representa o programa do Partido. Da mesma forma que os operários não podem trabalhar sem instrumentos, para o Partido o programa é o seu instrumento. Sem programa cada membro do Partido vê-se obrigado a improvisar sua ferramenta, a buscar ferramentas improvisadas, uma em contradição com a outra. A vanguarda só pode agir quando se organiza em função de uma concepção comum.

Podemos dizer que não tivemos programa até agora, mas que, apesar disso, agimos. Ocorre que este programa estava formulado em artigos diversos, moções etc. Nesse sentido, o projeto de programa não anuncia uma nova invenção, não é o resultado da redação de um homem apenas, mas o resultado de um trabalho coletivo elaborado até nossos dias. Este texto é absolutamente indispensável para dar aos camaradas uma idéia da situação, uma compreensão comum. Os pequeno-burgueses, os anarquistas e os intelectuais têm medo de conferir a um partido idéias comuns, uma ação comum. Por outro lado, desejam um programa moral. Para nós esse programa só pode ser o resultado de uma experiência comum. Ele não é imposto a ninguém, pois aqueles que se ligam ao partido o fazem voluntariamente.

Creio que é importante, a este respeito, salientar o que queremos dizer por liberdade, em

oposição a necessidade. É uma concepção pequeno-burguesa muito freqüente a de que deveríamos ter uma individualidade livre. Trata-se de uma ficção, de um erro. Não somos livres. Não possuímos o livre arbítrio, no sentido que lhe confere a filosofia metafísica. Quando desejo beber um copo de cerveja, ajo como um homem livre, mas não invento a necessidade da cerveja. Esta vem de meu próprio organismo, eu nada mais sou que o executor. À medida, porém, que compreendo as necessidades da minha natureza e as satisfaço conscientemente, tenho, então, a sensação de ser livre, isto é, a liberdade mediante a compreensão da necessidade. A justa compreensão das necessidades de minha natureza é a única real liberdade que é dada aos animais em todas as questões, e o homem é um animal. A mesma coisa é válida para a classe operária. O programa para a classe operária não pode cair do céu, a ele não podemos chegar senão mediante a compreensão de sua necessidade. Em um caso tratou-se da necessidade de meu organismo, no outro trata-se da necessidade da sociedade. O programa é a expressão da necessidade que aprendemos a compreender e, como esta necessidade é a mesma para toda a classe operária, podemos chegar a uma compreensão comum das tarefas. A compreensão comum desta necessidade é o programa.

Podemos ir mais longe e dizer que a disciplina de nosso Partido deve ser muito estrita, porque constituímos um partido revolucionário, que deve fazer frente a inimigos poderosos e conscientes de seus interesses, sobretudo hoje, quando não somos mais atacados somente pela burguesia, mas, igualmente, pelos stalinistas que são os agentes burgueses mais odiosos. Uma disciplina absoluta é indispensável, mas ela só pode provir de uma compreensão comum. Se esta disciplina é imposta de fora, torna-se um jugo. Se ela provém da compreensão, trata-se da expressão da personalidade; de outra forma, trata-se de uma imposição. Se provém da compreensão nada mais é do que a expressão de minha livre individualidade e não uma oposição entre a vontade pessoal e o Partido, pois eu a executo espontaneamente. Esta base é a mesma para o programa. Ele não pode adquirir uma base política e moral segura se não o compreendemos a fundo.

Três requisitos para uma nova sociedade

Eis o problema atual. **A primeira condição** para uma nova sociedade é que as forças produtivas estejam desenvolvidas o suficiente para originar uma sociedade superior. As forças produ-

tivas estão suficientemente desenvolvidas para tanto? Sim, estão e já estavam suficientemente desenvolvidas no Século XIX, não tanto quanto hoje, mas o bastante. Em nossos dias, sobretudo nos Estados Unidos, seria bem fácil para um bom técnico em estatística demonstrar que, se as forças produtivas estivessem libertas poderiam ser duplicadas e, mesmo, triplicadas. Acredito que nossos camaradas deveriam fazer observações estatísticas deste gênero.

A segunda condição: deve haver uma nova classe progressista suficientemente numerosa, que possua influência econômica o bastante para impor sua vontade à sociedade. Esta classe é o proletariado. Ela deve representar a maioria da nação ou ter possibilidade de dirigir a maioria. Na Inglaterra, a classe operária representa a absoluta maioria. Na Rússia ela era minoritária, mas tinha a possibilidade de dirigir os camponeses pobres. Nos Estados Unidos, a classe operária representa pelo menos a metade da população, tem meios de dirigir os camponeses.

A terceira condição é o fator subjetivo. Esta classe deve compreender a posição que ocupa na sociedade e possuir suas próprias organizações. É a condição que está ausente hoje, do ponto de vista histórico. **Do ponto de vista social, não se trata somente de uma possibilidade, mas de uma necessidade absoluta, no sentido de que ou virá o socialismo ou a barbárie.** Eis aí a alternativa histórica.

Mencionamos na discussão que Hague não é um velho estúpido que inventa um sistema medieval para sua cidade. Trata-se de um explorador avançado da classe capitalista norte-americana. Jack London escreveu um livro, *The Iron Heel* (O Calcanhar de Ferro). Foi escrito em 1907 e eu o recomendo à leitura. Naquela época, o que ele descreve parecia um terrível sonho, mas hoje é a realidade absoluta. Ele apresenta o desenvolvimento da luta de classes nos Estados Unidos com a classe capitalista mantendo o poder por meio de uma terrível repressão. É a própria imagem do fascismo. A própria ideologia que ele traça corresponde a Hitler. É interessante.

Em Newark, o prefeito chamou Hague e são ambos inspirados pelo grande patronato. É claro que Roosevelt perceberá que na atual crise ele nada pode fazer com métodos democráticos. Entretanto, ele não é um fascista, como diziam os stalinistas em 1932. Mas suas iniciativas ver-se-ão paralisadas e, então, o que poderá fazer? Os operários estão descontentes. Roosevelt só tem uma chance: manobrar até o fim e, em seguida, sair.

Um 3º mandato está excluído para ele.

O convite do prefeito de Newark possui grande importância. Em dois ou três anos vocês podem ter um poderoso movimento fascista com características bem americanas. O que significa Hague? Ele nada tem que ver com Mussolini ou Hitler, mas é um fascista americano. Como surgiu? Pelo fato de que a sociedade não pode mais ser dirigida por meio de métodos democráticos.

Evidente que não nos é permitido cair na histeria. O perigo de uma classe operária submersa pelos acontecimentos é indiscutível, mas não podemos combater este perigo senão através de um sistemático e enérgico desenvolvimento de nossa própria atividade, por intermédio de palavras de ordem adequadas e jamais por esforços fantásticos, com o fito de saltar por cima de nossas próprias cabeças. A democracia nada mais é que a lei do grande patronato. Devemos compreender perfeitamente aquilo que Lundberg demonstrou em seu livro, isto é, que sessenta famílias governam os EUA. Mas como? Até o presente momento por meio de métodos democráticos. Elas constituem uma pequena minoria cercada pelas classes médias, pela pequena burguesia, por operários. Devem elas ter a possibilidade de tornar esta sociedade interessante às classes médias e não devem desesperar-se. A mesma coisa é verdade para os operários, ao menos para as camadas operárias superiores. Se essas camadas se opõem entre si, acabam por minar as possibilidades revolucionárias das camadas inferiores, e essas possibilidades constituem a única maneira de fazer funcionar a democracia.

O materialismo está presente em analisar a estrutura da sociedade e o desenvolvimento das forças produtivas como condicionante a uma nova sociedade e as consignas de combate por esta, bem como um programa de reivindicações transitórias (Programa de Transição) com vistas a realizar a ponte entre consciência atual do proletariado e a consciência de classe para si rumo à revolução socialista. De forma que as reivindicações transitórias e a luta diária, entrelaçadas com o programa revolucionário, ação dos revolucionários no seio das massas e de suas organizações, cumpriram a tarefa de transformar a bandeira da revolução e da ditadura do proletariado em necessidade dos oprimidos. Assim a Revolução Social não será um salto por ultimato ou por exceção, mas sim por consciência e necessidade sentida.

Grupo Bolchevik (França)

Pela construção do Partido operário revolucionário
cessão da Internacional operária revolucionário

Destinatários: FT-VP & CC-POR

Cópia: Organizações membros do Coletivo ou discutindo a Chamada Internacional

Objeto: 21 pontos ou 5 pontos? Coletivo ou Comitê paritário? (Resposta a TCI)

Data: 23 de Agosto de 2004

Caros camaradas,

O Grupo Bolchevik recebeu da vossa parte:

- A posição da TCI sobre a Chamada do Coletivo (26 de Janeiro)
- A proposta do TCI para uma conferência internacional aberta (19 de Maio)
- Uma carta do FT que propõe participar na fundação de um "Comitê paritário" (7 de Julho)
- Uma proposta de juntar-se um "Comitê de ligação" (10 e 11 de Julho)

Entretanto vos assinou com o GB e várias outras organizações a declaração internacional em defesa do Iraque, difundido 1 Maio em sete países. Esta última iniciativa é uma das decisões da reunião do Coletivo em 8, 9 e 10 de Abril, que tinha confiado a redação do projeto aos camaradas de Poder Obreiro da Bolívia.

O GB responde hoje às vossas contribuições e às vossas propostas, de maneira honesta e franca. Primeiro, esforçamo-nos de tirar todas as consequências de uma opinião que parecemos compartilhar (I); seguidamente, medimos as divergências de programa tais que aparecem atualmente (II); por último, examinamos o balanço da iniciativa internacional à qual tivéssemos convidado (III).

Terá em conta os nossos limites lingüísticos: por um lado, pudemos nos enganar traduzindo os vossos propósitos e os de outras organizações redigidos em espanhol ou português; por outro lado, escrevemos-vos, com as nossas desculpas, em francês.

I. Para uma boa compreensão partindo dos principais acontecimentos

1) A propósito da análise das relações de forças entre as classes

Na vossa contribuição sobre a Chamada, sublinha a importância de compartilhar a análise da situação:

Como a relação que estabelecemos entre nós, não são do tipo universitária, mas de militantes revolucionários, caracterizar corretamente uma situação é o meio para que as palavras de ordem e a intervenção prática sejam corretas. Qualquer pretensão de avançar em termos "de acordos de princípios" continuaria a ser abstrato se nós não entendemos sobre a intervenção concreta... Parece-nos que o "Coletivo" abusa da palavra "revolução"... (Posicionamento da TCI, 26 de Janeiro de 2004, parte II)

O Grupo Bolchevik compartilha esta preocupação:

A necessária delimitação das forças revolucionárias ou seja: apoiar-se ao nosso ver sobre os textos fundamentais

da LC (Manifesto de 1848 ao ano de 1850), a resolução do último período (em especial o ano de 1871), os textos adaptados pelos quatro primeiros congressos da IC (1919-1923), os fundamentos da 4ª Internacional (Chamada de 1933, Teses de 1936, Programa de 1938, Manifesto de 1940). Pág 06

Mas as referências programáticas são úteis apenas se a servem para compreender juntos aos grandes acontecimentos contemporâneos, para definir uma linha internacional estratégica comum, para intervir à medida das nossas forças em cada forma nacional da luta de classes mundiais. (CC do GB, Mensagem ao Foro internacional dos grupos e organizações de classe chamado pelo CR Brasil, o LBI Brasil e o OCI Argentina, 24 de Janeiro de 2003)

Marxismo não é um credo. Também não é um empirismo, mas respeita os fatos. O estudo sério e a análise das contradições deve permitir compreender os processos reais e dar conta:

A nossa concepção da história é, sobretudo, uma diretiva para o estudo... (F. Engels, Carta à C. Schmidt, 5 de Agosto 1890)

Por conseguinte, os marxistas tentam analisar concretamente as situações reais. Esforçam-se por perceber as estabilizações, os retrocessos e as derrotas, como as mobilizações das massas, as crises de dominação e as revoluções que se abrem.

Por conseguinte, evitam limitar-se a analogias, de recorrer a fórmulas acabadas aos mitos consagrados e as falsificações: tomar a situação Argentina de 2003 como "o semi-kerenskysmo" e Kirchner como uma frente popular, chamar contra-revolucionários islâmicos "de combatentes heróicos", falsificar o montante das despesas militares da UE, inventar uma "maré Rosa" social-democrata que submerge a Europa em 2004, mistificar os acontecimentos na Palestina em 2003, imaginar imperialismo unificado na Europa dirigido pelo Parlamento Europeu, enganar sobre a possibilidade de "brigadas internacionais" em Iraque, etc.. Estes Senhores têm às vezes o ar de imaginar que tudo é bastante bom para os trabalhadores. (F. Engels, Carta à C. Schmidt, 5 de Agosto 1890)

O GB acreditava que a direção da LOI-CI Argentina sofria apenas de uma espécie de doença infantil do esquerdismo e que se tratava da contrapartida de uma linha revolucionária na Argentina contra a assembléia constituinte, pelo duplo poder e pela insurreição. Pensávamos que estes erros eram compreensíveis em frente do Partido obreiro Altamira e aos restos do MAS que explodiu após a morte de Moreno; tínhamos a ilusão que podiam ser corrigidas com a ajuda das organizações revolucionárias estrangeiras de maneira essencial aquelas do Coletivo que trabalhavam em confiança com a direção da LOI e o GOI.

Mas falhamos: a direção da LOI não tem nenhuma intenção de apresentar-se ao controle revolucionário de outros países. O grande eloqüente e a histeria, as posturas teatrais e os excessos de linguagem dissimulante de todas as espécies de operações e verborria. A direção da LOI não sofre de um simples desvio de esquerda, mas antes de uma doença mais grave e congênita, o oportunismo.

2) Contra as frases radicais que não comprometem à nada e que enganam o proletariado

Quando se compara o que dizem com o que fazem, como tomar seriamente outros cuidados em qualificação dos membros permanentes do COTP-FTICI?

- estes líderes, que comparavam ainda em Julho 2003 Kirchner à Kerenski, têm como perspectiva a oferecer ao proletariado argentino, em Junho 2004... um de dia de ação ("greve");

- os membros permanentes que proclamam, dos seus escritórios de Buenos-Aires, que uma revolução está em curso na Palestina fecham os olhos sobre os fatos (da destruição dos campos pelo exército sionista, a liquidação de líderes, o bombardeamento da sede da Autoridade palestina, a construção do muro na Cisjordânia...) : qualquer agrupamento revolucionário na Palestina que confia-se na pretendida ao "secretariado internacional" estaria muito mau na postura;

- A Direção da FTI-CI que dizem: "Fora o PSOE e o PCE" para um país remoto assim como a Espanha e apóiam os dias de ação stalinista dos chilenos que dirigem o CUT e são incapazes de trabalhar na CGT Argentina contra a burocracia peronista.

- os guerrilheiros de salão, que dizem ser necessário enviar voluntários para combater sob a direção do Baas e islamitas, guardam-se, felizmente de enviar os seus militantes;

- os hipócritas que inventam " a troca de direção" dos grupos europeus do Coletivo cortejam sem escrúpulo ao CRI da França, os pablistas do tipo C. Edwards e mesmo os lambertistas do FUR França, que juntaram-se ao PT.

- os gauchistes pacotille que chamam ao boicote das eleições na Europa apresentam eles mesmos no seu país uma lista às eleições municipais de Buenos Aires sob a palavra de ordem: "um pólo operário" com o LSR;

- os herdeiros do "terceiro período de horror" da IC que explica que a frente única operária opõe-se ao governo operário, que é possível apenas quando se dispõe de um partido de massa, que desapareceu do Trostkismo a partir de 1933, revelam-se partidários da chamada das "organizações dos direitos humanos";

- Os giros políticos que colidem brutalmente em Dezembro de 2003 com os membros do Coletivo ("stalinistas", "polpotistas") traficam secretamente, ao mesmo momento, nas costas do proletariado argentino, com renegado L. Zamora.

O desejo de se situar na esquerda do marxismo conduz fatalmente no pântano centrista. (L. Trotsky, Sectarismo e centrismo na 4ª Internacional, 22 de Outubro de 1935, Obra. 7, p. 43)

Militante no mesmo país, o CC-POR deve saber mais sobre a prática da LOI que nós. Uma coisa está certa: a construção do partido operário revolucionário na Argentina necessita terminar de uma vez para sempre com zigue-zague oportunistas e os golpes forjados no morenismo; a construção da Internacional Operária Revolucionária impõe honestidade e o respeito dos fatos.

3) O acordo deve levar sobre a compreensão dos principais acontecimentos

Vocês estão de acordo com nós para precisar que só uma seita exige ser necessário ter acordo sobre todos os aspectos de uma conjuntura e sobre todos os aspectos da tática para ser membro de uma mesma organização nacional, por maior razão para ser membros de uma mesma organização Internacional. O bolchevismo necessita "apenas" a compreensão comum dos principais acontecimentos e as principais tarefas.

Uma fusão exige uma unidade de pensamento, não sobre perguntas específicas e secundárias, mas sobre as perguntas fundamentais. (L. Trotsky, Alquimia centrista ou marxismo, 24 de Abril de 1935, Obras t. 5, IDE, 1979, p. 263)

Parece-nos que caracterizar Dezembro de 2001 como um início de revolução (a Chamada) ou uma situação pré-revolucionária (TCI, Posicionamento, 26 de Janeiro de 2004, parte II) pode discutir-se num mesmo centro internacional, sobretudo com camaradas que estão no mesmo campo de classe. Em contrapartida, só inconseqüentes e irresponsáveis podem confundir os retrocessos do proletariado palestino em 2003 perante a ofensiva de Sharon com uma revolução.

Por seu lado, o GB chamou a atenção da direção da LOI para refluxo de 2003 na Argentina, assim como sobre a situação dramática do povo palestino. Sobretudo, o GB tentou dotar o Coletivo, a partir da sua gestação, de uma visão lúcida da situação mundial. O preâmbulo da Chamada esboça uma análise séria do período, baseando-se nas relações entre as classes à escala mundial:

A torrente revolucionária do fim dos anos 1960 e o início dos anos 1970 foi mundial: mobilização da juventude e os trabalhadores na China, revolução anti-burocrática na Checoslováquia, guerra do povo vietnamita, greve geral na França, greves à grande escala na Itália, greve vitoriosa dos mineiros em Grã-Bretanha, movimentos nacionais na Irlanda e ao País Basco, movimento estudantil no México, revolução na Bolívia, luta dos negros e movimento antiguerra nos Estados Unidos, Cordobazo na Argentina, revolução no Chile e em Portugal... Mas esta vaga foi contida e traída pelos nacionalistas burgueses ou pequeno-burgueses e as direções traidoras do movimento operário.

A partir dos anos 1980, este novo atraso infligido à revolução mundial permitiu às burguesias dos países imperialistas retomar a ofensiva. Um episódio notável foi a derrota dos mineiros britânicos em 1985, mas o acontecimento decisivo foi a destruição da URSS em 1991 e o restabelecimento consecutivo do capitalismo na Rússia pela burocracia stalinista que usurpava o poder dos trabalhadores desde 1924.

Esta vitória histórica da burguesia mundial incentivou o imperialismo americano a se colocar na cabeça das coligações que esmagaram o Iraque em 1991, os Bálcãs em 1999, o Afeganistão em 2002, o Iraque em outra vez 2003.

Mas as potências imperialistas são incapazes de estabilizar a situação. No fim do século XX, sucederam-se as lutas de massa na África do Sul, a Intifada de 1987 em Palestina, manifestações maciças na Alemanha Oriental e na China em 1989, as greves de Novembro a Dezembro de 1995 em França, as greves de 1997 em Coreia do Sul, as revoluções de Albânia e da Indonésia em 1997. O século XXI começou com potentes mobilizações de massa, como a

luta heróica palestina em 2000, o levante argelino em 2001, as greves e manifestações italianas e a revolução na Argentina em 2001, o levante na Bolívia em 2003... A guerra contra o Iraque foi contestada por uma enorme mobilização antiimperialista de massa através do mundo, até ao coração das metrópoles imperialistas. Os proletariados da Europa combatem contra a liquidação dos direitos conquistados duramente pelas lutas revolucionárias.

É necessário dizer a verdade às massas, também dura e cruel, ou seja: todas as derrotas, os retrocessos dos processos revolucionários e as confusões militares das nações oprimidas, foram produtos da traição das direções do proletariado e as massas exploradas, hoje agrupados na sua maior parte no Fórum Social Mundial. (Coletivo, Chamada, 20 de Agosto de 2003)

A Chamada é sem dúvida insuficiente, mas afastou as formulações iniciais do "SI" do COTP-CI, rebatizado de "FTI-CI", imediatamente depois a fundação do "FTCI" pelo PTS de Argentina.

4) A visão terceiro-mundista da direção da LOI

O projeto do "secretariado internacional" do COTP explicava a situação mundial com, por um lado, pretendidos a "desincronização" entre a luta revolucionária do mundo colonial e semicolonial, contrastando com uma suposta atonia dos centros imperialistas, por outro lado a traição do proletariado europeu ele mesmo:

O proletariado norte-americano é o que paga o mais duramente possível, com gigantescas perdas de conquistas, esta situação. A traição da social-democracia e o stalinismo conduziu o proletariado dos países imperialistas da Europa, no fim anos 1980 e no início dos anos 1990, a **subordinar-se aos interesses das suas burguesias imperialistas e apoiar a restauração capitalista** impulsionada pelas burocracias stalinistas que se converteram em agentes diretos do capital imperialista mundial. Isso significou uma **desincronização** em relação à luta do proletariado e explorados do mundo semicolonial que, nas últimas décadas, entraram muito à volta no combate de abrir das situações pré-revolucionárias ou revolucionárias... [O proletariado norte americano é que más (S. Novak, Projeto de texto por chamada, 10 maio 1993, sublinhado por nós)

Ecletismo faz coexistir das formulações "Trotskistas" e outras que não têm nada a ver com marxismo. Mas este feito faz estourar a incompreensão da luta à escala mundial entre as duas classes sociais fundamentais:

- para a direção do COTP-FTI-CI, uma camada pequeno-burguesa, as burocracias dos Estados operários degenerados (ou deformados de nascimento) impulsiona o restabelecimento do capitalismo.
- para a direção do COTP-FTI-CI, o proletariado europeu subordinou-se às burguesias dos países imperialistas.
- para a direção do COTP-FTI-CI, só o proletariado do mundo semicolonial luta desde décadas.

5) A burocracia russa era uma classe social ou uma retransmissão da burguesia mundial?

A direção empírica da LOI confere de fato à burocracia o papel de verdadeira classe social. Teria sido capaz de tomar a iniciativa própria de perturbar os relatórios de

propriedade na URSS.

Ora, para os bolchevistas-leninistas, a burocracia stalinista era apenas uma camada intermédia, cujo reino explicava-se pelo atraso da revolução proletária e pelo isolamento do primeiro Estado operário. O aparelho do Estado escapou a partir de 1924 ao controle da classe operária, em relação com o atraso do país e a série de derrotas dos anos 1920 e 1930 à escala mundial:

“A burocracia soviética ganhava segurança a medida que a classe operária mundial sofresse mais pesadas derrotas. Entre estes dois fatos, a relação não é não somente cronológica, é causal e recíproca: a direção burocrática do movimento contribuía para as derrotas; as derrotas reforçavam a burocracia. (L. Trotsky, A Revolução traída, 1936, CH. 5, Meia-noite, p. 66)”

Mas esta casta não tinha por tanto caráter independente no processo de produção. Em última análise, era a expressão de uma espécie de equilíbrio instável entre por um lado da pressão da burguesia mundial sobre o Estado procedente de Outubro e por outro lado a resistência da classe operária mundial, de maneira essencial o proletariado soviético.

“Ou a burocracia, ao passar a ser cada vez mais o órgão da burguesia mundial no Estado operário, inverteria as novas formas de propriedade e revertendo o país ao capitalismo; ou a classe operária inverterá a burocracia. (L. Trotsky, A Agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional, 1938, GB, 2003, p. 38)”

“A questão será resolvida finalmente pela luta das duas forças vivas sobre o terreno nacional e internacional. (L. Trotsky, A Revolução traída, 1936, CH. 9, Meia-noite, 1963, p. 170)”

Se Novak tomasse seriamente a expressão "agente" que emprega para designar a burocracia, compreenderia que "o impulso" da restauração capitalista veio da classe burguesa mundial e em especial do mais potente imperialismo, imperialismo americano.

“É necessário não compreender nada para distinguir, de trás as combinações momentâneas do momento, o antagonismo fundamental que existe entre os Estados imperialistas e a República soviética. (L. Trotsky, O Conflito sino-russo e a Oposição, 4 de Agosto de 1929, Escritos t. 1, Rio, 1955, p. 222)”

Não é necessário compreender muito para distinguir entre a força motor do desmembramento da URSS e a restauração do capital (a burguesia mundial) e o seu agente no Estado operário (a burocracia). Nos fatos, os sectores decisivos da burocracia da URSS, encarnados por Gorbachev e seguidamente por Ieltsin, finalmente tem rendido à pressão imperialista e avançou para a restauração ao mesmo tempo que capitulavam completamente na frente das exigências americanas na África do Sul, à Nicarágua, em Afeganistão...

Ronald Reagan lança, por conseguinte em Moscou o desafio “de uma corrida de armamentos que não poderá ganhar”. Pôs-se de acordo a partir de 1986 sobre uma série de medidas de confiança até então rejeitados em bloco por Moscou, assim como sobre o Afeganistão: o também Gorbachev-Chevardnadze admitiu desde o começo o princípio de uma retirada do exército vermelho, quem ficará efetivo a partir de 1989. (“O homem que empurrou "o Império do mal", Le Monde, 8 de Junho de 2004).

A presidência Reagan de 1981-1989 alterou a face do mundo... Decidiu pôr dinheiro nas forças armadas americanas e instalar mísseis nucleares à médio alcance na Europa... Tinha razão. No ano de sua partida da Casa Branca, os Russos tinham perdido a Europa do leste; nos anos seguintes abandonaram o comunismo. ("O homem que bateu o comunismo", " The Economist, 12 de Junho de 2004)

À sua maneira, o porta-voz do capital financeiro dá conta da interação entre os "mundos" e estabelece uma relação entre a evolução nos países imperialistas e o desmoronamento dos Estados operários da Europa.

Omitir o papel da burguesia imperialista como determinando a restauração capitalista é um erro teórico. Na prática, o COTP podia assim recusar defender os Estados operários contra a burguesia mundial (direito no fio de Shachtman e Cliff, Moreno e Lambert). De resto, o projeto de Chamada inicial do COTP abordava a pergunta dos Estados operários, sem estar a dizer uma palavra da defesa das últimas conquistas que subsistiam na China, em Vietnam, em Coréia do Norte e em Cuba.

6) A "desincronização" de dois "mundos", um tema nacionalista e néo-pablista.

Para compreender as conjunturas nacionais e continentais, é necessário partir da escala planetária.

“Marxismo procede da economia mundial considerada não a simples adição das suas unidades nacionais, mas como uma possante realidade independente... (L. Trotsky, Prefácio da edição francesa, 29 de Março de 1930, A Revolução permanente, Meia-noite, 1975, p. 8-9)”

Aí está porque o nosso boletim, Revolução Socialista, esforça-se por analisar regularmente a economia mundial. Não há de um lado proletariados em ofensiva (no mundo semicolonial) e do outro um proletariado subordinado à sua burguesia. Como diz o preâmbulo da Chamada, à vaga revolucionária mundial dos anos 1960 e 1970 sucedeu uma contra-ofensiva mundial da burguesia.

Não é difícil reencontrar a filiação da teoria da "desincronização" entre os "setores". Vem dos nacionalistas e stalinismo do tipo Castro e Mao e tem sido incorporada por muito tempo nas revisões dos falsificadores da "IV Internacional":

“Nestas condições, a Revolução colonial ocupa o lugar de vanguarda da revolução mundial e age como força principal... (6.º congresso do SI pablista, Balanço, problemas e

perspectivas da Revolução colonial, IV Internacional, 1 trimestre 1961, p. 47)”

“O atraso da revolução proletária nos países imperialistas tem, em geral, indubitavelmente impedido a revolução colonial seguir a via socialista tão rápida e tão conscientemente que foi possível (7.º congresso da SU pablista, A Dialética da revolução mundial, 1963, in P. Frank, A Quarta Internacional, Maspero, 1969, p. 139)”

“Durante duas décadas, o centro de gravidade da revolução mundial tinha-se deslocado para os países coloniais e semicoloniais... (9.º congresso do SU, O Novo ascenso da revolução mundial, Quarto Internacional, Maio de 1969, p. 14)”

Independentemente das fórmulas utilizadas, a oposição entre frações do proletariado mundial sempre é baseada no ceticismo em relação à capacidade revolucionária dos bastões da classe operária.

7) A acusação dos chefes da LOI contra o proletariado europeu

Da mesma maneira que para a burocracia, a foice é justaposta à verdade sobre a descrição da situação mundial. É assim desde primeiro revisionistas, passando por Moreno e seu soberano Pablo: os seus textos comportam sempre empréstimos formais do marxismo para tranquilizar os militantes unindo-os ao marxismo para assim camuflar a revisão. O "SI" admite que a social-democracia e o stalinismo traem (homenagem à ortodoxia), mas atribui à classe operária a responsabilidade a ter-se subordinado à classe dominante (a verdadeira posição da direção da LOI):

“A traição social-democrata e o stalinismo conduziram o proletariado dos países imperialistas da Europa, no fim anos 1980 e no início dos anos 1990, a subordinar-se aos interesses das suas burguesias imperialistas. (S. Novak, Projeto de texto de convocação, 10 de Maio de 1993)”

As centenas de milhões de trabalhadores assalariadas dos países imperialistas são exploradas. Uma parte significativa permanentemente é reduzida no desemprego. Todos sofrem múltiplos ataques da sua burguesia. E seria necessário, além disso, que suportem os insultos de alguns membros permanentes de Buenos-Aires... Para marxistas, a totalidade do proletariado mundial, tanto os proletariados dos países dominados como os dos países dominantes sofrem uma crise de direção: As massas não foram capazes de quebrar a coalizão dos socialistas, stalinistas, anarquistas e do POUM com a burguesia. Este modelo de sofisma procede de uma espécie de conceito de uma espécie de maturidade absoluta, ou seja, de uma condição de perfeição das massas na qual não têm nenhuma necessidade de uma direção...

“É apenas gradualmente, e apenas com base na sua própria experiência que às camadas mais largas das massas terminam por convencer-se por que a nova direção é mais firme, mais certo, mais leal que a antiga... Mas é necessário que tal partido exista bem antes da revolução... (L. Trotsky, Classe, partido e direção, Agosto de 1940, A Revolução espanhola, Minuit, 1975, p.558 e 560)”

Com o desaparecimento sem gloria da 4ª Interna-

cional que tinha sido proclamada para resolver este problema, a crise de direção agravou-se a um ponto inédito. Se os jornalistas empiristas do BIOI aplicassem os seus critérios ao seu próprio país, concluiriam que o proletariado argentino subordinou-se em 2003 à sua burguesia. Mas, como os nacionalistas e terceiros mundistas, sustentam o ceticismo e a hostilidade à classe operária dos países da Europa do Oeste e a América do Norte, tornados responsáveis porque fazem os "seus" capitalistas.

8) A classe operária dos Estados Unidos não se reduz aos Negros e aos Latinos

Para a direção da LOI, o proletariado da América do Norte não vale mais apenas que o da Europa, com exceção dos Negros e os trabalhadores de origem Latino-Americana:

"Mas esta tarefa histórica pode ser efetuada apenas pelo jovem e heróico proletariado latino-americano, em estreita unidade com seu aliado mais importante, a classe operária do norte-americano, e em especial sua fração mais explorada e oprimida, os milhões de trabalhadores negros e latinos, superexplorados e tratados como parias por esta burguesia imperialista e também pela arrogante aristocracia operária e pela burocracia sindical do AFL-CIO, quem são os que sofrem mais da flexibilidade do trabalho, o desemprego, da pobreza, da perseguição e a hostilidade da polícia. É à eles que devem dirigir-se a classe operária latino-americana...(Si do COTP, Projeto de declaração Bolívia, 30 de Setembro de 2003, sublinhado por nós)".

Outra vez, após algumas palavras ortodoxas e cuidadosas (a classe operária norte-americana é combinada com a da América Latina), segue a expressão detalhada da verdadeira linha da direção da LOI: o proletariado da América Latina - "heróico" - deve contar unicamente com os negros e o Latinos da América do Norte.

São eles que devem dirigir-se à classe operária latino-americana...

De acordo com a direção da LOI, não serve a nada dirigir-se ao conjunto dos trabalhadores americanos. Obviamente, a "desincronização" dos morenistas explica-se pelo seu conceito da "aristocracia operária". A sua aristocracia operária é bem diferente da de Engels e Lenin, porque engloba implicitamente a maior parte das classes operárias dos países imperialistas. Nada de bem novo no revisionismo dos epígonos que usurpam a referência a IV Internacional de Trotsky. Em 1965, Mandel explicava que todo o proletariado dos países imperialista era corrompido:

"Hoje, são mais conscientes das realidades econômicas da situação operária no mundo inteiro. Podemos constatar que a verdadeira aristocracia operária não é constituída por certas camadas do proletariado dos países imperialistas em relação o dos países coloniais e semicoloniais: o relatório dos salários entre um trabalhador negro da África do Sul e um trabalhador inglês varia de um para dez... E, por conseguinte manifesto que o primeiro é muito superior ao segundo. É de resto a exploração imperialista que permitiu realizar esta enorme diferença global dos salários

entre os países imperialistas e os países subdesenvolvidos. (E. Germain, A burocracia, Maspero, 1971, p. 24)"

A classe operária do norte-americano de origem europeia ou asiática da "aristocracia operária"?

O mini-aparelho do COTP utiliza e abusa de um termo que não define jamais o que personifica (quais camadas? Qual papel concreto? Como enfrentar praticamente "a aristocracia operária"?...).

Mas a direção da LOI não é jamais tão rigorosa em matéria de teoria. Não é também não muito preocupada com fatos. Esquece a imigração asiática nos Estados Unidos. Parece crer que todos os negros e todos os Latinos são proletários.

9) A natureza das burocracias sindicais e os seus "dias de ação"

O COTP-FTI-CI pretende que os partidos reformistas e os sindicatos dos países imperialistas sejam a expressão pura e simples dos interesses da aristocracia operária. Na realidade as organizações "reformistas" não estão sob o controle de uma seção da classe operária, mas sob a hegemonia da classe dominante. Na época imperialista, a burguesia põe a mão sobre as organizações operárias através dos seus aparelhos que corrompe e que domestica. Estes fazem conscientemente a política da burguesia no movimento operário, incluindo em América Latina.

Em 5 de Agosto de 1981, Reagan despediu 11.359 controladores aéreos em greve. Estes trabalhadores formam categorias do proletariado bem qualificadas e melhor pagas, uma aristocracia operária na acepção de Lenin. Após o seu malogro, numerosos trabalhadores e empregados, incluídos centenas de milhares de Latinos e Negros, foram dissuadidos duramente de recorrer à greve. Esta derrota chocante, por conseguinte incentivou a ofensiva dos patrões. Mas também facilitou o curso internacional agressivo e contra-revolucionário do imperialismo americano, contra o Afeganistão e a URSS, mas também na América Latina, em especial Granada, Nicarágua e El Salvador.

Aí está porque a burocracia do AFL-CIO, longe de defender estes "aristocratas operários", traiu perante a repressão e o Estado burguês. Só os controladores aéreos de Portugal e de Canadá boicotaram os vôos americanos durante 48 horas, em solidariedade com os seus camaradas despedidos. Quanto a ela, a direção do AFL-CIO recusou chamar à greve aos outros trabalhadores aeroportuários dos Estados Unidos e os das companhias de aviação. Contra a greve geral dos trabalhadores dos transportes aéreos, a burocracia chamou a um dia de ação simbólico ("paro") em Setembro de 1981." Neste dia, 500 mil trabalhadores manifestaram no entanto em Washington, cujo as dezenas de milhares de Latinos e negros, o que mostra o potencial de combate que existia. Mas permaneceram sem perspectiva. É a isto que servem os "dias de ação" das burocracias sindicais agentes da burguesia, aos Estados Unidos assim como o Chile, em França assim como Argentina. Aí está porque o GB recusou assinar a declaração redigida pela direção da LOI sobre as vítimas do acidente de Rio Turbio: este projeto chamava "paro", um dia de ação, girando contra a greve geral dos mineiros da Argentina. O CRI de França assinou esta declaração de caráter muito oportunista.

Outra censura do GB era o aspecto estreitamente nacional deste texto supostamente internacional. O projeto da LOI não tinha uma palavra para as dezenas de mineiros russos nem para os milhares de mineiros chineses mortos das exigências da restauração do capitalismo na China. Nenhuma organização incluiu as nossas sugestões de alterações, nem sequer responderam às nossas críticas.

10) Contra qualquer adaptação ao nacionalismo

De resto, as concessões ao nacionalismo aparecem explicitamente no projeto de declaração sobre a Bolívia que foi proposto ao Coletivo pela direção do COTP-FTI-CI:

Luta contra a entrega da riqueza de gases aos ianques ("gringos")..." Fora os Amerloques da Bolívia! ["Fora os gringos de Bolívia! "] (SI do COTP," Projeto de declaração Bolívia, 30 de Setembro de 2003)

Longe de corrigir o COTP-FTI-CI elogiou-se deste tipo de vocabulário:

"Fora os Ianques" é revolucionário. (BIOI, suplemento especial ao nº6, 6 de Novembro de 2003, p. 27)"

Ousou pretender que a recusa de GB de alinhar-se à xenofobia provinha da sua adaptação "aos prejuízos e terrível (SIC) a pressão que se exercem por parte da esquerda reformista francesa" (idem). As traições de Moreno e de Lora provam que a pressão da classe dominante pode exercer-se não somente através dos partidos operários burgueses, mas diretamente através do Bonapartismo e dos partidos burgueses (PJ, MNR).

Mais uma vez, o COTP é incapaz de partir das classes e a luta de classes: Crê que a iniciativa vem dos partidos reformistas, enquanto que estes são as retransmissões da burguesia. Mesmo o seu vocabulário testemunha: desafiamos o COTP de encontrar "esquerda" em Trotsky para designar cientificamente os partidos políticos. Os que se reclamam do programa da III Internacional e da IV Internacional, não deveriam render à ideologia dominante aceitando este vocabulário mistificante que mascara as classes e a luta de classes, que mistura os partidos burgueses e os partidos operários. Na França, é empregado a esse respeito por todas as direções traidoras e por seus lacaios centristas (incluindo os primos da LOI, os grupos Morenistas).

Quanto à pressão que a classe dominante, a burguesia, exerce aqui, é geralmente do antiamericanismo e porque o imperialismo francês está em competição com o seu rival americano. Esta posição é refletida na classe operária, na juventude, no sistema escolar e universitário, nos meios de comunicação social e também nos agentes da burguesia no movimento operário, as burocracias sindicais e os partidos reformistas.

"Queremos uma Europa mais democrática, capaz de agir para o crescimento e o emprego, de garantir os direitos sociais, de atuar no mundo diante da posição unilateral dos Estados Unidos... (PS, para Europa, 10 de outubro 2003) A situação do mundo impõe dar à União Européia a capacidade de falar com uma voz forte frente à política hegemônica e bélica dos Estados Unidos e de contribuir para a prevenção dos conflitos. (PCF, Propostas do PCF para a Europa, 14 de Maio de 2004)"

O GB é uma das raras organizações do movimento operário a não se render ao chauvinismo antiamericano, muito grande. Lutamos certamente contra o imperialismo americano, mas sobretudo contra imperialismo francês e não contra "os Americanos". Muitas outras expressões do projeto de texto a Bolívia mostravam que SI do COTP continua a sê-lo estreitamente limitado à América Latina e revela-se incapaz de escrever para a vanguarda proletária mundial.

11) Para renovar e restabelecer o Internacionalismo da III e IV Internacional.

O inimigo principal é, para cada proletariado, no seu país, incluindo em Bolívia e Argentina. Simetricamente, o principal aliado das classes operárias bolivianas e argentinas é o proletariado mundial, incluindo o dos Estados Unidos. É portanto inconcebível que uma declaração concebida supostamente como trotskista internacionalista tome-se aos Americanos e emprega termos pejorativos como "gringos". Qual organização que quer construir um partido revolucionário nos Estados Unidos haver tal texto? Lutamos contra o imperialismo, contra os grupos capitalistas dos Estados Unidos, de Europa do Oeste e o Japão, contra o exército e os serviços secretos americanos, não contra os Americanos como tais, porque é virar a costas ao proletariado dos Estados Unidos.

"O patriotismo constitui o elemento essencial desta ideologia por meio da qual a burguesia impõem a consciência da classe oprimida e paralisa a sua vontade revolucionária... (L. Trotsky, Lições de Outubro, 4 de Novembro de 1935, obras t. 7, IDE, 1980, p. 63)"

Os bolchevistas-leninistas do mundo inteiro podem se orgulhar que, com a entrada dos Estados Unidos na segunda guerra imperialista, a secção americana, o SWP, defendeu os trabalhadores de origem japonesa contra a vaga chauvinista. Do mesmo modo, durante a ocupação militar (e a opressão nacional) da Bélgica e da França pelo imperialismo alemão dirigido pelo nazismo, a seção francesa da IV Internacional nunca sucumbiu ao chauvinismo, nem empregou o vocabulário abjeto que vai com ("deboche" para designar os alemães), " contrariamente a Stalin. Os militantes do POI tiveram êxito mesmo a editar, em condições arriscadas, um boletim destinado aos trabalhadores alemães com o nome de Arbeiter um Soldado

A adaptação ao nacionalismo não é nova na Argentina: o oportunista Nahuel Moreno tinha colocado em 1956 a sua organização sob a disciplina de Perón. Mas qualquer linha deste tipo, produto da pressão das outras classes sociais sobre o movimento operário, é um crime. Estas concessões opõem-se à preparação da revolução proletária no país e o agrupamento internacional revolucionário. Em vez de opor tal proletariado ao outro, de dividir a classe operária mundial, apliquem antes na América Latina e América do Norte a linha de Lenin para a Ásia e a Europa:

"Na Europa "avançada", só o proletariado é uma classe avançada... Toda a burguesia européia faz aliança na China com todas as formas da reação da idade média. Em contrapartida, toda a jovem Ásia, ou seja, centena de milhões de trabalhadores da Ásia têm um aliado certo no proletaria-

do dos países civilizados. (V. Lénine, A Europa adiada e a Ásia avançada, 18 de Maio de 1913, Obra t. 19, Progresso, 1967, p. 94-95)”

Analisar corretamente as situações concretas e intervir juntos como bolchevik impõe-nos à todos que rejeitem a herança puril dos epígonos de fogo da IV Internacional, de extirpar o pablismo, o morenismo, o lambertismo, o healysmo, o charlantalismo, o cliffismo, o lorismo, o grantismo, o hardysmo, o altamirismo assim como a social-democracia, o stalinismo, o nacionalismo pequeno-burguês e o nacionalismo burguês, que não são mais que aventureiros arrogantes.

II. A PERSPECTIVA REACIONÁRIA DE UMA PSEUDA - "IV INTERNACIONAL" SUPLEMENTARIA.

12) Pertinência e limite do vosso comentário sobre a cisão do Coletivo

A FT-VP escreveu-nos:

“Os Comitês paritário, Comitês de ligação, Comitês de correspondência... não são invenções de Lambert e mais ainda de Moreno; são instrumentos instaurados pelo movimento revolucionário para estabelecer discussões, trocas, campanhas... de acordo com a tradição do marxismo revolucionário...”

O Coletivo foi destruído, ao nosso parecer, não pela LOI nem por um outro grupo que fazia parte, mas parece que não havia - e que não há - base programática comum entre os diversos grupos que compunham-no. É, ao nosso ponto de vista, a razão da falência do Coletivo e a sua crise.

Quanto ao desaparecimento da confiança para com a LOI, pensamos que não é uma razão política para não participar no Comitê Paritário...

Vocês disseram que a LOI quis destruir Luta Marxista? Como é possível? Como um grupo político, situado num outro país, é capaz de destruí-los? Não têm uma melhor explicação? (FT, Carta à GB, 7 de Julho de 2004)”

O camarada Otávio Lisboa tem razão sobre um ponto de importância: se o Coletivo conheceu a sua primeira crise em Julho de 2003 (quando a LOI publicou a Chamada internacional, em função das suas necessidades nacionais, enquanto que LM estava a alterar). Se o Coletivo sofreu uma segunda crise em Dezembro de 2003 quando o secretariado internacional do COTP-FTI-CI se cindia com LM, acusando-o ao mesmo tempo de stalinistas e polpotistas, se explodiu em Abril de 2004 quando os representantes do COTP-FTI-CI deixaram a 2ª reunião do Coletivo, foi necessariamente por desacordo programático.

Mas é necessário precisar vários pontos, antes de tentar retornar sobre a principal fraqueza política da Chamada:

· A decisão do camarada sobre a tentativa de destruição de LM testemunha certo nível político que os Tartuffes morenistas encarregar-se-ão provavelmente de dissipar. A direção da LOI cindiu a LM pervertendo um militante descontente e indisciplinado que não tinha nenhuma intenção de permanecer na sua organização (os seus atos provavam-no

e ele escreveu explicitamente), seguidamente co-rou esta operação acusando a direção do grupo peruano do Coletivo de stalinismo e de polpotismo (alguns meses após ter assinado a Chamada com eles);

· Não só os estatutos garantem absolutamente a democracia operária, uma plataforma programática (como a Chamada) não pode assegurar que os que as assinam vão respeitá-la. Por exemplo, a decisão de lançar uma nota internacional tomada em 1933 com a Chamada dos Quatro. Este documento tirava lucidamente as lições do período, delimitava-se firmemente do reformismo e do centrismo, definia claramente as tarefas. Mas, dos seus quatro signatários, três abandonaram o terreno do bolchevismo-leninismo para um programa mais aberto e as organizações mais importantes... desapareceram a partir da segunda guerra imperialista;

· Alterar os 21 pontos contra 5 apenas como fez a "Pre-conferencia" do Brasil não é corrigir as fraquezas do Coletivo, mas agravá-lo. Como a trajetória destes desertores (OSP Países Baixos, RSAP Países Baixos, SAP Alemanha) provou, não é em todo caso depurante o programa, para erigir dos "escritórios de Londres" ou os "Comitês paritários" que se avance "na tradição do marxismo-revolucionário"... mas sim pela escola de Lenin e de Trotsky.

· Em última análise, as divergências programáticas as retornam mesmas nas posições sociais. Por exemplo, Hardy, o líder secreto de LO França, era um pequeno proprietário ou a direção da LOI é incapaz de partir das classes sociais.

Resta que, como o aumentou, a base programática do Coletivo tinha um ponto particularmente fraco.

13) A Chamada deixava aberta a pergunta do Internacional

É vocês que tinham razão:

“Se as palavras têm um sentido, o estabelecimento de um centro internacional necessita uma unidade ideológica, programática e político... Como isto só alcança quando se exprime nosso ponto de vista, tal divergência sobre o balanço da IV internacional que não há acordo sobre o número do internacional? (Posicionamento do TCI, parte I).”

Sem estar a esconder o desacordo entre os editores, a Chamada não se pronunciava claramente sobre a perspectiva da conferência internacional, sobre seu desenrolar. Os adversários franceses dos 21 pontos encontravam no problema da negligencia:

“O Grupo CRI estimava abusivo se caracterizar como uma "divergência importante" entre as organizações signatários à que leva sobre a "caracterização atual da Internacional revolucionária", ou seja sobre o seu nome: IV Internacional, Internacional operária revolucionário ou IV Internacional regenerado e refundando... (CRI, Contribuição sobre a Chamada, parte 5, 27 de Setembro de 2003)”

Mas a maioria do CC do GB mesmo subestimou a importância desta pergunta, apesar das advertências de um dos seus membros (o camarada D. Laruelle) e também de um camarada do GG. Figurou-se que, dado que os cinco fundadores do Coletivo eram de acordo sobre as tarefas

revolucionárias no Iraque e na Bolívia, dado que tivéssemos adotado conjuntamente a Chamada, o CWG, LM e o GB poderiam juntos persuadir a LOI (e por conseguinte o GOI) que o IV Internacional tivesse morrido. Era um erro.

Para o CC do GB, a principal lição da cisão do Coletivo pelo COTP é que combaterá doravante firmemente qualquer pretensão à "reconstrução", "refundação", "regeneração", "recriação", "renascimento", etc.. que se pretende de uma "IV Internacional".

A resposta que dá de momento a este problema é, sem ser idêntico aos parentes da FTI-CI. Se efetivamente compreendemos, pode apresentar-se assim:

- A ocasião de grandes acontecimentos mundiais, a II Internacional e a III traíram: a IV Internacional não traiu corretamente à falar;
- as correntes da IV Internacional que degeneram desfazem-se do rótulo (SWP os Estados Unidos, PRT Argentina...);
- Qualquer centrismo contemporâneo progressivo vem da IV Internacional;
- O trotskismo exprimiu a continuidade do marxismo-leninismo.

Estes argumentos, mesmo que fossem justos (das quais duvidamos, com exceção do último... à condição de estar de acordo sobre que se entende por "Trotskismo") não é suficiente legitimar, 70 anos após, a ilusão de poder reconstruir a IV Internacional. Porque nunca se viu uma organização revolucionária continuar a ser revolucionária durante várias gerações.

14) Rótulos e números

Em função do antagonismo entre as classes sociais fundamentais, devido à dominação econômica, política, ideológica da classe explorada, quer o partido comunista levar o proletariado à vitória por ocasião de uma crise revolucionária, ou ser liquidado como organização revolucionária pela repressão e sobretudo as capitulações das suas direções.

Trotsky ele mesmo tinha avisado as organizações cujos fundamentos foi lançado em 1933:

"Se o regime burguês sai desta guerra impune, todos os partidos revolucionários degeneram (A Guerra imperialista e a revolução proletária mundial, Maio de 1940, GB, 2004, p. 34)"

Por que Lenin abandonou o rótulo Internacional operária (II Internacional)? Porque desapareceu em tempos de guerra e porque quase todas as seções pactuaram com sua própria burguesia (o que é evidente para sociais-patrióticos belicistas, mas não mais verdadeiro para pacifistas, os zimmerwaldianos). Por que Trotsky abandonou o rótulo - muito mais claro - da Internacional comunista (III Internacional)? Porque este centro tornou-se o principal instigador das derrotas e que nenhuma seção da IC não se opôs à revisão do programa e as traições.

A nossa perspectiva é doravante a uma V Internacional Operária, cujo programa seja claramente comunista, como o da

III e IV Internacional. A II, em contrapartida, alojava todas as correntes socialistas e a sua seção fãrol (o SPD Alemão) não defendia a ditadura do proletariado. A diferença entre III e IV Internacional é a dimensão (a III aderiu às massas mas as traiu em grande escala, a IV Internacional não pôde construir-se como organização de massa e por conseguinte desapareceu) e também ao enriquecimento do programa: revolução permanente, Estado operário degenerado, revolução política...

A denominação "IV Internacional" permitia, nos anos 1930 delimitar-se claramente da Internacional social-democrata e reconstituir a Internacional degenerada pelo stalinismo, mas também dos internacionalistas das organizações centristas que recusavam com efeito a romper definitivamente com uma e o outro. Na atualidade o interesse é aumentar a bandeira de uma "V Internacional" limita muito, porque a vanguarda atual ignora que existiu a II, não conheceu o III Internacional e não conhece sob o nome de IV que com falsificações cada vez é mais reformista.

Que as correntes oportunistas, revisionistas e liquidadores terminam a sua trajetória negando o "Trotskismo" e a "IV Internacional" é verdadeiro.

· mas certos indivíduos e correntes permanecem no meio do vão e para os outros isto tarda e as vezes levam décadas, como no caso de Shachtman ou Pablo.

· a dialética obriga também a ter em conta que a usurpação do nome de Trotsky e a bandeira da IV Internacional foi bem útil a todas as espécies de gurus de seitas e de chefes reformistas de correntes centristas que não têm nenhuma intenção de participar na revolução e de preparar um dia uma insurreição.

· para tanto, a IV Internacional não retomou em 1943 o nome da IC quando Stalin a liquidou. O passado é o passado...

Um aspecto de numerologia se Trotsky não tivesse encarado é o seguinte: há atualmente uma "IV Internacional"? O objetivo da TCI é realmente acrescentar uma?

A pergunta que vocês deveriam fazer é a da continuidade, da legitimidade: há um centro da IV Internacional? Existe pelo menos seções da IV Internacional? Como materialistas, a partir de que podem pretender reconstruir a IV Internacional?

15) Nunca uma organização revolucionária não viveu 70 anos

Deste ponto de vista, a IV internacional definitivamente morreu.

Por toda a parte no mundo, a quase totalidade supostamente de Trotskistas adaptou-se à forças sociais estranhas ao proletariado e capitulou a frente da sua expressão política. Para alguns, isto tomou a forma da adaptação à sua própria burguesia e a capitulação na frente do nacionalismo burguês ou a social-democracia (o Sr. Shachtman, T. Cliff, N. Moreno, T. Grant, P. Lambert, J. Altamira, G. Lora...), para outros isto traduziu-se na adaptação às burocracias que usurpam o poder nos Estados operários da URSS, de China e a Cuba e a capitulação na frente dos partidos stalinistas

O seu centro de acordo com guerra, o SI, era composto de jovens Europeus corajosos (a 2ª guerra imperialista havia-os selecionados), talentosos, mas inexperientes porque a direção da seção americana tinha recusado tomar as suas responsabilidades enviando um ou vários quadros nesta equipe. O SI primeiro tem tido vacilações sectárias (embora menos estúpidas que aquelas do "SI" de Buenos-Aires) antes de naufragar no oportunismo perante às dificuldades, sob a forma de investigação e pegar atalhos, cujo o primeiro foi tomar em 1948 o partido stalinista de Tito por um partido centrista de esquerda, ou mesmo Trotskista no momento em que consolidava-se em burocracia do Estado operário yugoslavo.

Quando do "3.º Congresso mundial" de 1951, e sobretudo quando do 10.º pleno de 1952, esta direção (M. Pablo, E. Mandel, L. Maitan... ajudados de um velho oportunista, P. Frank) tornou-se a própria fonte da adaptação à burocracia stalinista, da revisão do programa, da liquidação das seções. Por conseguinte, quando sua hora chegou, a IV Internacional não foi ao encontro da história, nem em 1952 em Bolívia, nem em 1953 em Alemanha Oriental, nem em 1956 em Polônia e Hungria, nem em 1964 em Ceilão, etc..

Contrariamente ao que vocês afirmam, não há nenhuma diferença, se não de escala, com a falência das internacionais os precedentes. A tese da LOI segundo a qual a falência data... de 1989 também não tem a estrada.

Certamente, a IV Internacional não tem morrido instantaneamente em 1950. Graças à herança de Trotsky e a sua relação com o bolchevismo, opôs-se à sua própria direção: primeiro a seção francesa, PCI, totalmente isolado em 1952, seguidamente qualquer fração internacional, à chamada da seção americana, o SWP, em 1953.

Mas todos os esforços para refundar, para reconstruir, que tinham então um sentido, encalhou. O "Comitê internacional da IV Internacional" não empreendeu luta à morte contra o SI e usurpadores pablistas, nunca funcionou como centro e ele mesmo cobriu todas as espécies de revisões do programa e adaptações. Todas as seções que tiveram proclamado sucumbiram à sua volta. O SWP de J. Hansen, tornado pro castrista, seccionou da CI em 1963 para juntar-se aos pablistas. O SLL Grã-Bretanha que tivesse defendido ao lado a esta ofensiva destrutiva, seccionou por sua vez em 1971, seguidamente G. Healy vendeu-se à Hussein e Kadhafi, antes de morrer aderindo a Gorbatchev, como Mandel. Por último, PCI França, após ter-se adaptado à organização nacionalista argelina (MNA) nos anos 1950, e finalmente capitulado em 1981 para a frente social-democrata e a sua frente popular, antes de liquidar-se num partido reformista confeccionado de todas as peças por Lambert, o PT.

Uma organização não existe para a eternidade. Isto não deveria surpreender dialéticos.

16) O pablismo e a ressurreição revisionistas da "frente único antiimperialista"

O rompimento da IV Internacional, de onde nunca voltou, data do início dos anos 1950. Em 1951, a direção da

IV internacional afirmou, apesar da oposição da seção francesa, um curso pro stalinista e geralmente liquidador:

O que distingue-nos do passado, o que faz a qualidade do nosso movimento atual e que constitui a fiança mais certa das nossas vitórias futuras, é a nossa capacidade crescente de compreender, de apreciar o movimento das massas como existe... e procurar encontrar o nosso lugar neste movimento... É o caso, por exemplo, na América Latina onde o movimento das massas antiimperialista e anticapitalista toma freqüentemente formas confusas, sob uma direção pequeno-burguesa, como no Peru com o APRA, como em Bolívia com o MNR, ou mesmo burgueses como no Brasil com Vargas, como em Argentina com Perón. (M. Pablo, Relatório do 3.º congresso, Agosto de 1951, Os Congressos da IV Internacional t. 4, A Brecha, 1989, p. 199)

Qualificar o APRA e o MNR de pequeno-burgueses é maquiagem. Pouco importa, porque, para o SI, o caráter burguês dos partidos de Vargas ou de Perón não era um obstáculo para subordinar-se. O congresso adaptava a linha seguinte para a Bolívia:

"Em Bolívia, a nossa secção... esforçar-se-á ter influenciar na ala esquerda do MNR... Preconizará uma tática de frente única antiimperialista para com o conjunto do MNR... (Resolução sobre a América Latina, Agosto de 1951, Os Congressos da IV Internacional t. 4, p. 290, redigido por Pablo)"

Desta época, a quase totalidade das correntes que se reclamam abusivamente da IV Internacional na América Latina defende a "frente única antiimperialista". Celui-ci justifica a aliança com setor da burguesia "nacional".

Trata-se do emprego de uma palavra de ordem confusa da Internacional comunista. Ainda que Trotsky provava alguma dificuldade tática para reexaminar o aspecto do programa da IC, desafiamos a encontrar uma só referência à "frente única antiimperialista" nos documentos programáticos da IV Internacional que pretende reconstruir.

A China provou-o, mesmo nos países atrasados burgueses não tem mais papel historicamente progressista. Trotsky generalizou a estratégia da revolução permanente que tinha originalmente concebido para a Rússia czarista. Qualquer revolução deve ter a classe operária à sua cabeça, mesmo nos países atrasados onde é minoritária. Para os países em desenvolvimento burgueses atrasados, e em especial para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a solução verdadeira e completa das suas tarefas democráticas e a liberação nacional não pode ser outra que a ditadura do proletariado, quem toma a cabeça da nação oprimida, sobretudo das suas massas campesinas. (L. Trotsky, A Revolução permanente, 1931, Meia-noite, p. 124)

Mesmo nos países atrasados, a aliança com a burguesia nesta época imperialista é uma traição: A revolução chinesa tem um caráter nacional burguês... Qualquer que seja a importância relativa dos elementos "feudais" podem ser varridos apenas pela via revolucionária, por conseguinte pela luta contra a burguesia e não em aliança com ela. (L. Trotsky, A Revolução chinesa e as teses stalinistas, Maio de

O emprego da consigna nos anos 1950 da "frente única anti-imperialista" serviu para cobrir de verdadeiras traições do proletariado, em especial na América Latina.

17) A "Frente Única Antiimperialista" e o apoio às reivindicações frentistas não faz parte do programa da IV Internacional

Durante as revoluções bolivianas de 1952 e 1971, a regressão da revolução permanente à frente única antiimperialista conduziu a subordinação do proletariado à burguesia, idênticamente à política stalinista.

Em 1952, o POR da Bolívia tinha uma base operária, uma tradição, uma influência. Desempenhou um grande papel na revolta de Abril. Uma revolução conduzida por um partido bolchevista-leninista era ao alcance na Bolívia. Teria alterado a situação de toda a América Latina, teria entregue sobre a via do programa da IV Internacional e ter-lhe-ia dado um impulso no mundo inteiro... Mas, contra todas as lições do bolchevismo, sistematizados e estendidos pela IV Internacional de Trotsky, o POR deu o seu apoio ao governo burguês de Paz, o POR alinou-se "a ala esquerda" de Lechin do partido nacionalista burguês que controlava a nova central operária, o COB, e era o ministro do governo burguês.

O governo pequeno-burguês, graças às circunstâncias, à possibilidade de transformar-se em governo operário e campesino. (Luta Obrera, 25 de Maio de 1952, cotado em J. Casa de campo, A Revolução de 1952, Bases nº 5, Outono 1992, a revista de PO Bolívia)

"O Partido operário revolucionário apoiará a ala esquerda do MNR em sua luta contra a direita do partido... (Lucha Obrera, 11 de Novembro de 1952)"

"A classe operária deve ativamente intervir na formação do novo governo. (Luta Obrera, 11 de Novembro de 1952)"

"A totalidade da luta é centrada na palavra de ordem: controle total do Estado pela ala esquerda do MNR. (BP do Partido operário revolucionário, 23 de Junho de 1953)"

Por conseguinte, a burguesia boliviana, graças ao MNR, ajudado pela sua ala esquerda, própria flanqueada do POR conservou o controle da situação, reconstituiu o seu exército e pôde restabelecer a ordem. O POR explodiu de 1953 para 1956, uma boa parte dos seus quadros aderem-se ao MNR.

Em 1971, os que permaneciam no POR fizeram um bloco com o stalinismo, apostou vergonhosamente sobre generais para armar o proletariado. Após o massacre da classe operária, Lora fundou uma frente popular no exílio com stalinistas e nacionalistas burgueses.

Como a FTI-CI a propósito de Moreno, minimiza as responsabilidades de Lora, que encarna infelizmente as traições e o carácter contra-revolucionário, revelados à prova das revoluções, do pablismo, do "movimento Trotskista" tanto nas alianças de classe como na atitude para com as

forças de repressão do Estado burguês.

À vossa própria conta, pretende que é necessário apoiar as reivindicações mercenárias das classes exploradas, polícias e militares de ofício, misturando esta questão com a atitude revolucionária em relação aos concretos (Posicionamento da TCI, parte III).. Em França, é LO que foi mais adiante possível nesta via. Mas como marxistas podem reclamar que os polícias e os militares profissionais sejam melhor pagos, melhor tratados, mais numerosos, melhor equipados? Melhor para defender a propriedade privada dos meios de produção, melhor para restringir as massas dentro (polícia, guarda nacional, gendarme, exército) como fora (exército)? É esquecer completamente a sua função social nas sociedades de classe.

Sob os slogans de "reconstrução" ou "regeneração" da IV Internacional, reencontra-se todos os transformadores revisionistas, oportunistas e liquidacionistas fossoyeurs e usurpadores da IV Internacional. Para ir frente, é necessário desembaraçar-se e trocar a camisa suja.

18) A perspectiva "de regenerar" a IV Internacional da prova de toda a incapacidade de romper com o pablismo.

A política de traição do POR da Bolívia de 1952 tinha sido garantida à época por Moreno que, como Lora, pretendia que havia uma ala proletária e uma ala burguesa no MNR e alimentava ilusões antileninistas sobre a presença de ministro socialista num governo burguês:

Exijam que ministros operários elegidos e controlados pela Federação dos mineiros e a nova central operária fossem integrados ao governo. (Frente Proletário, 29 de Maio de 1952)

Entre as múltiplas alternativas de pseudo Trotskismo saídas da sua decomposição, uma das piores escolas de zigue-zagues políticos é a de capitulações oportunistas, de fraudes e caudilismo, é a do morenismo. N. Moreno colaborou com os revisionistas e os liquidadores europeus que fizeram de estourar a IV Internacional em 1952-1953. Em 1951, o POR de Moreno adere à "frente única antiimperialista".

Os delegados do POR aprovam na sua linha geral as teses relativas à situação na América Latina e as tarefas... eles fazem uma autocrítica: não compreendíamos a importância da frente única antiimperialista... (Declaração do POR argentino, Agosto de 1951, Os Congressos da IV Internacional t. 4, p. 298, Moreno era delegado)

Em 1954, L. Vital (POR Chile) rompe com o SI pablista. Com N. Moreno (POR Argentina), e se funde em 1956 o "secretariado latino-americano do Trotskismo ortodoxo" que faz parte do Comitê internacional da IV Internacional. Moreno opunha assim o seu rival argentino J. Posadas, tenente Pablo para a América Latina. Mas o "Trotskismo" do SLATO esteve do mesmo tipo que o Pablo e Posadas, também pouco "ortodoxo". Moreno dizia de boa vontade que praticava um "Trotskismo bárbaro". Tinha razão sobre um dos dois termos.

Em Argentina mesmo, Moreno adaptou-se a partir de 1955 ao nacionalismo burguês, entrando num partido

peronista (o PSRN) e pondo o seu jornal sob a autoridade do general Perón. Atrasado, quando a revolução cubana agitou a América Latina, Moreno identificou-se, com os pablistas do SI, ao castrismo, ou mesmo ao maoísmo:

“Certamente, a vida mostrou as lacunas e os erros do programa da revolução permanente... O dogma de que só a classe operária é capaz de realizar as tarefas democráticas é falso... A doutrina Mao e a teoria da guerra de guerrilha é o reflexo no campo da teoria da etapa atual da revolução mundial... (N. Moreno, La Revolución latinoamericana, 1961, citado em Moreno truth conjunto, SP, 1980, p. 13, os morenistas não publicam este texto nos seus cites)”

Tem falta de tomar seriamente a fixação à revolução permanente Moreno (Posicionamento, IV). No fim da sua carreira, completou ao ataque contra a revolução permanente.

Quando a direção Dobbs-Hansen do SWP abandonou definitivamente o Trotskismo para o stalinismo versão Castro e secciona o Comitê Internacional, Moreno juntou-se ao seu "secretariado unificado da IV Internacional". Em 1964, o seu grupo fundiu com o FRIP castrista.

Moreno se distancia do castrismo o que une uma ala do PRT, a de Santucho, pôs realmente na prática a guerrilha na Argentina e atraiu assim contra ela a repressão feroz da ditadura militar. A organização Moreno, rebatizada PST, denunciou vergonhosamente os seus antigos camaradas como o equivalente da ditadura militar. Moreno desempenhou mais tarde um papel essencial - que ajuda a Lambert contra Just - na capitulação PCI para a França na frente popular "União da esquerda" em 1981. O PST rebatizado MAS, tinha atingido uma dimensão conseqüente, mas sobre uma linha semi-reformista. Qual combate foi efetuado por Carlos Munzer ou qualquer outro membro da direção da LOI contra Moreno?

Com a morte deste, o seu partido (e a sua corrente internacional, a LIT-CI), estourou em múltiplas frações: MST, MAS mantido, PTS, LSR, CS, LOI... A LOI-CI é própria uma cisão da ala esquerda do morenismo argentino, o PTS.

A origem da LOI não deve ser retida contra ela. Deixem estes métodos para Munzer. Mas, contrariamente à GB, quem começou uma análise sem concessão das suas origens (S. Just, Como o revisionismo apreendeu-se da direção PCI, 1984; 1.º conferência do GB, Para a revolução socialista, 2001), a LOI de modo algum reexaminou o seu passado.

A filiação pablista de fato é assumida, quando théoriciens da LOI consideram que a explosão em 1963 da fração internacional que defendia do Trotskismo (o CIQI) e a liquidação pro castrista da principal organização Trotskista mundial (o SWP) é um progresso (mesmo limitado) e uma "reunificação":

Em 1963, após 10 anos, produziu-se uma reunificação parcial entre a tendência pablista e o SWP norte-americano. (C. Munzer & S. Novak, Los Acontecimientos de 1989, Klement, 2000, p. 240, sublinhamos)

Na sua resposta vosso posicionamento, a FTI-CI fala sempre de "reunificação de 1963" para esta vitória do

pablistas e para o grave enfraquecimento das possibilidades de reconstrução ou regeneração da IV Internacional...

De fato, a direção da LOI define-se como um componente desta ficção reacionária que é o "movimento Trotskista". Tenta aparecer como a sua ala esquerda, especialmente em frente dos seus rivais da Argentina. Mas a ala esquerda do Trotskismo permanece no centrismo:

“Sob a influência das circunstâncias (tradição, pressão das massas, concorrência política) o centrismo é forçado, à certos períodos, de fazer desfile de gauchisme... Mas logo que um perigo sério ameaça, a verdadeira natureza do centrismo refaz a superfície... (L. Trotsky, A única via, 13 de Setembro de 1932, Como vencer o fascismo, Buchet-Chastel, 1973, p. 283, sublinhamos)”

Como os seus rivais na Argentina: o MST, o MAS, a PO e o PTS, que reivindicam-se todos da IV Internacional, apóiam esta pretensão sobre uma corrente internacional mais ou menos vasta, a direção da LOI era bastante ridícula com o seu GOI Chile, um grupo que asfixia ao ponto que não publicou jornal desde pelo menos dois anos.

O COTP por conseguinte empreendeu em 2001 uma primeira tentativa de alargamento no estrangeiro com o LRP Estados Unidos, o LCR Japão, EDM Espanha. Não saiu nada.

Mas, com a crise revolucionária aberta em Dezembro de 2001 em Argentina, a LOI teve mais sucessos: o CWG Nova Zelândia, LM Peru, o GB França deslocou-se em Dezembro de 2002, ao congresso do COTP. Decisão foi tomada de examinar a possibilidade de elaborar uma posição comum sobre a guerra imperialista que ameaçava o Iraque e de lançar uma Chamada a uma conferência internacional. Em Dezembro de 2003, o congresso seguinte do COTP acolheu com entusiasmo PO Bolívia. A Chamada, além disso, permitiu estabelecer contatos com outras organizações na Austrália, ao Brasil (graças a vocês), ao Peru, em Espanha e Turquia. O COTP-FTI creu o momento acabado de desembaraçar-se do Coletivo, emancipar-se de qualquer controle estrangeiro e afirmar o seu caudilismo em uma escala alargada.

III. O TESTE DA "PRÉ-CONFERÊNCIA" DE JULHO DE 2004

19) Uma lição de democracia operária que não recebemos

Uma das técnicas manipuladoras da direção da LOI é reclamar certificados de confiança por parte dos seus parceiros, através de uma chantagem, primeiro geignard seguidamente ameaçando:

- com vocês, isto esteve por ocasião de um falso enviado por Internet no vosso nome.
- no Coletivo, isto esteve por ocasião da ruptura com LM Peru, uma organização que tinha fundado o Coletivo com a LOI.

Este tipo de ultimato diz logo sobre os costumes e

sobre o funcionamento do COTP-FTI. É estranho às tradições de Marx, Engels, R. Luxemburg, Lenin e Trotsky. No entanto, o representante do CWG (o camarada D. Brownz) creu bom dobrar-se e, por conseguinte afirmou solenemente a sua confiança aos que acabava de qualificar os seus próprios camaradas do CEMICOR de "grupo decomposto", de stalinistas e de "polpotistas"...

Por seu lado, o CC do GB recordou ao "secretariado internacional" o ABC da moral proletária e a política marxista: a confiança merece-se e conquista-se pelos seus atos. Não tivemos perante o aparelho Lambert e verão excluídos do partido que construíamos desde anos, PCI, para aceitar, 20 anos após, as exigências inadmissíveis dos seus primos da Argentina.

O GB já tinha decidido afastar, em Abril de 2003, da ordem dos trabalhos da sua 2ª conferência que pretendia impor-lhes o "SI do COTP": discutir um texto interminável de C. Munzer. Em Janeiro de 2004, o GB estabeleceu um balanço político exaustivo da cisão com Luta Marxista e da crise do Coletivo (a Cisão de LM e a crise do Coletivo internacional, 26 de Janeiro de 2004). A direção da LOI nunca ouviu, mas decidiu romper com o GB e tentar liquidar o Coletivo.

Sempre é que, quando recusou deslocar-se para a reunião do Coletivo e quando avançou a fórmula do "Comitê paritário", o CC do GB compreendeu que se tratava de liquidar o Coletivo. Haver colocado para o COTP-FTI-CI, o Coletivo um Comitê paritário. Uma das bonecas russas devia desaparecer e, para os chefes da LOI, não podia tratar-se do COTP... só a direção do CWG atribuiu outra vez do crédito às operações morenistas.

Em Abril de 2004, o FTI faz volte-face sobre o Coletivo, à maneira clássica Moreno, Healy ou Lambert, evitando qualquer discussão exaustiva no Coletivo. Pretende doravante defender a Chamada... liquidando brutalmente o Coletivo que instalou-o. Ou estas pessoas são simples fósforos que põem o fogo à sua própria casa, ou são cínicos que tomam os outros para imbecis. Qualquer que seja a hipótese que tem, é inquietante para vocês e para todos os que colaboram atualmente com a FTI. Para o Coletivo, a segunda hipótese era a boa: o COTP-FTI negava a Chamada. A "conferência" provou-o.

20) Porque o GB não pode associar-se a um organismo criado pela direção da LOI

A Chamada lançada em 2003 pelo Coletivo (então composto de cinco organizações: CWG Nova Zelândia, GB França, GOI Chile, LM Peru, LOI Argentina; seguidamente junta-se ulteriormente pelo GG da Espanha, PO da Bolívia e PO da Colômbia) esforçava-se de tirar as lições principais da luta de classes mundial. Propunha ter uma conferência para reunir em escala internacional o que continua a ser as organizações que se reclamam do Trotskismo e também as correntes que, sem ser procedente desta última tradição, reencontrariam o caminho do bolchevismo.

O Coletivo tinha sido lançado em Dezembro de 2002 na Argentina. Tinha-se reunido uma primeira vez em

Abril de 2003 na França. Reuniu-se outra vez em Abril de 2004, desta vez na Bolívia. Após ter sabotado tudo pelo seu comportamento, após ter preparado a sua base à cisão do Coletivo com um texto também copioso de absurdo, sobre o "federalismo" do GB e por "cartas" preenchidas de ataques pessoais, o "secretariado internacional" do COTP anunciou ao último momento o envio de um dos seus membros. Este foi alojado pela militante do COTP que habita na Bolívia.

Os dois quadros do COTP tinham por instrução de recusar qualquer discussão política em proveito da sua proposta de um "Comitê paritário". De resto, Negre e Sanchez deixaram a reunião a partir do segundo dia.

A telenovela difundida em episódios diários na Internet, frente, durante e após esta cisão do COTP, deve a classificar-se na antologia do Trotskismo. A equipe de C. Munzer (J. Pico, Lourdes, L. Sanchez e Q. Negre) inventou:

- uma reunião fracional do Coletivo que celebra-o ao desvio,
- a sua exclusão da reunião do Coletivo,
- o abandono à rua e nas mãos da polícia do seu enviado,
- das resoluções secretas do Coletivo,
- uma luxuosa feira como lugar de reunião... Atrasado, a FTI acrescentou entrismo do GG no PSOE. Assim "são educados" os membros da LOI e os seus satélites, assim são "informados" os grupos brasileiros cujo COTP recusava dar-nos o endereço ("luz, luz, mas luz"?). Assim foi fundado o FTI-CI, cuja divisa deveria ser: "calunia," calunia, permanecerá sempre algo ".

Os representantes do Grupo bolchevik, Luta Marxista e de Poder obreiro tirou a conclusão que não podiam organizar nada conjuntamente com os que têm aprendido muito do bandido político Moreno... e sobretudo não um Tribunal moral.

"A verdade continua revolucionária. (L. Trotsky, Carta aberta à redação da "Verdade", 5 de Agosto de 1929)"

O GB não vos lançou ultimato sobre o "secretariado internacional" pablista-morenista, nunca exigiu romper com os chefes da LOI sem prévia discussão - e as iniciativas comuns - entre vocês e nós. Compreendemos que a nossa experiência com a FTI não pode substituímos deles.

No regresso, solicitamos respeitar o nosso balanço, as lições que tiramos. O GB não tomará a responsabilidade na frente da vanguarda mundial de criar qualquer organização com a direção atual da LOI, que mente, sistematicamente e sobre qualquer assunto, aos seus militantes e revolucionários estrangeiros.

21) O "Comitê paritário" do COTP-FT-CI é natimorto

Tinha-nos convidado para uma "conferência" no Brasil, ou seja, a atravessar o Atlântico e o Equador para fundar um "Comitê paritário" com a direção da LOI Argentina.

"Ao nosso parecer, o GB e os outros grupos cometem um erro político essencial não participando e não apoiando favoravelmente a constituição do Comitê paritário. (FT Brasil, Carta, 7 de Julho de 2004)"

(Continua na página 18)

A FTI-CI lamenta também que o GB não se tornou a esta "conferência" e propõe-lhe também que junte-se ao "Comitê de ligação" que a "conferência" fundou.

"Convidar o GB e o GG a integrar-se ao debate e a este Comitê de ligação.. (Ata da conferência, assinado pelos representantes do FTI-CI)"

Os chefes da LOI, convidando-nos a constituir com eles um "Comitê paritário" ridículo e demonstram que o seu "Comitê paritário" ou "Comitê de ligação" é fórum sem princípio.

Como podem propor uma estrutura comum com o objetivo de regenerar a IV Internacional (SIC) aos que, de acordo com as resoluções do seu congresso de fundação, o excluíram do Coletivo (SIC) que rompe com relação à Europa aderindo à maré Rosa social patriota (SIC) e em praticar entrismo na social democracia (SIC)?

Estas pessoas quebraram a sua relação internacional conosco, seccionam o Coletivo que haviam fundado com o Grupo bolchevik. Tratam o GB e as outras organizações fiéis ao Coletivo como inimigos aos quais declararam guerra no seu congresso de fundação.

Nestas condições, era necessário gastar vários meses de contribuições da nossa pequena organização? Os dias 10 e 11 de Julho, os fatos deram a resposta. A "conferência" cobriu um caráter meramente continental, ou mesmo regional, dado que o CRI da França recuou no último momento e o CWG a Nova Zelândia não se deslocou.

O projeto de "Comitê paritário", para o qual a LOI convocou a "conferência" e abandonou o Coletivo abordando-o. Ao seu lugar, o FTI-CI fundou, com vocês e vários grupos brasileiros, um "Comitê de ligação" superficial, sem programa, sem nenhuma clareza nas idéias.

22) O "Comitê de ligação" à procura de bodes emissários

A única vantagem é ter dispensado os membros do Coletivo e seus intermináveis raciocínios que aflige o neo morenismo geralmente. Infelizmente, neste texto excepcionalmente curto, reencontra-se contra toda a marca da direção da LOI, a demagogia:

Convidar o GB e o GG a integrar-se no debate e neste Comitê de ligação, a alterar a sua atitude política que se exprime na sua decisão de não participar na conferência do Brasil, ao qual eram convidados explicitamente, e embora sendo editores dos 21 pontos e os iniciadores da conferência, virando as costas, lamentavelmente, aos camaradas que, ao preço de um enorme esforço, reunimo-nos para procurar um caminho revolucionário internacionalista. (G. Gamboa, A. Oliveira, Andrade, W. Torres, O. Lisboa, Ata da conferência, 10-11 de Julho de 2004)

Camaradas do FT e o CC-POR, crêem ajudar à discussão internacional ratificando propósitos infundados?

· porque o GB e o GG da Espanha são convidados a fazer parte do "Comitê de ligação" e não Luta Marxista Peru, nem Poder obreiro Bolívia? O GG não fazia parte dos edito-

res da Chamada nem dos "iniciadores" da Conferência internacional; LM, sim.

· porque nós, que gastamos nossa tesouraria em Dezembro de 2002 para encontrar grupos da América Latina e da Oceania, que integrou um quadro da LOI ao nosso CC de Abril de 2003 a Fevereiro de 2004, (e que alimentou-o e habitou durante este período), devam aceitar lições de internacionalismo por parte da direção da LOI, que publicou em função das suas necessidades nacionais a Chamada internacional sem esperar a aprovação dos membros do Coletivo, que recusava reunir o Coletivo noutro lugar que não Argentina?

· porque "o enorme esforço" foi gasto para tão poucos resultados, se não devido à orientação à política? Os responsáveis do malogro da "conferência" do Brasil são os que rejeitaram os 21 pontos e que quiseram lançar um "Comitê paritário" para desabar do Coletivo.

· A qual título o "Comitê de ligação" pode invocar os 21 pontos da Chamada? Tem outra base política. A "Pré-Conferência" definiu-se própria por 5 pontos apenas, por conseguinte contra os 21 pontos, contra a Chamada. Por conseguinte, a futura (se tem lugar) "conferência" do Comitê de ligação, tendo outra base que a Chamada, não tem nada a ver com o projeto do Coletivo de uma conferência dos Trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias contra o reformismo e o centrismo.

23) A partir do seu aparecimento, o "Comitê de ligação" propôs as suas próprias declarações

O objetivo dos 21 pontos da Chamada era pôr os oportunistas ao pé do muro. Do seio mesmo do Coletivo, quem tinha redigido-o, a direção da LOI o pois em causa. Passou de 21 para 5 pontos. A "conferência", reunida num epicentro da luta das classes mundial, o Brasil, é incapaz de propor o mais mínimo documento sério à vanguarda internacional.

O "Comitê de ligação" que é procedente não toma mesmo seriamente as suas magras conclusões, tanto sobre a democracia operária como sobre as condições de incorporá-lo.

Juntar-se ao "Comitê de ligação" não demanda grande coisa:

Fazer uma chamada a debater e aderir ao Comitê de ligação a qualquer grupo que deseje-o, a partir do seu parecer (SIC) sobre a Chamada original dos 21 pontos, sobre os pontos de acordo, as divergências e os debates que enumeramos (SIC), e da publicação dos 21 pontos nos seus órgãos impressos. (Ata da pre-conferência, 10 e 11 de Julho de 2004)

Se a LOI faz aliança na Argentina com o LSR, é ainda mais difícil para encontrar correspondentes na França: *"Na escolha dos seus aliados no plano internacional, o centrismo é ainda mais difícil ainda que no seu próprio país. (L. Trotsky, Centrismo e IV Internacional, 22 de Fevereiro de 1934, Obras t. 3, IDE, 1978, p. 241)"*

Por conseguinte, a "pre-conferência" propõe ao CWG e... ao CRI da França que junte-se ao "Comitê de ligação". É verdadeiro que o FTI não pode dirigir esta proposta ao FUR da França que cumprimentava no seu órgão (BIOI

Pág. 19 n° 6), porque o FUR desde então dissolveu-se e juntou-se ao PT de P. Lambert e D. Gluckstein.

O grupo CRI da França rejeitou claramente a Chamada, apoiando-se sobre todas as espécies de formulações revisionistas. Como o GB explicou-o na sua resposta ao CRI, que comunicamo-lhes, isto é ligado à sua prática: se minúsculo que seja, o CRI dirige um sindicato estudantil que congrega a universidade, como stalinistas e sociais-democratas.

O CRI, quem tinha participado na 2ª conferência do GB, não convidou o GB, nem a LOI, às suas reuniões apesar do seu pedido. O CRI recusou associar-se à luta do GB contra as burocracias sindicais em Maio-Junho de 2003, e quando das greves e as manifestações contra a proposta das reformas. Quando, na seqüência deste movimento, um militante do CRI foi vítima da repressão, o CRI dirigiu-se ao PCF e o LCR, bem antes de informar o GB. O CRI distribuiu um folheto comum, 1 Maio de 2004, com o grupo francês do FT-CI ligado ao PTS Argentina. O CRI apoiou o "Comitê paritário" onde tencionava tagarelar... sem nenhum compromisso. Finalmente, ninguém do CRI se dirigiu à "pré-conferência".

Agora, o CRI é convidado pela "pré-conferência" a juntar-se ao "Comitê de ligação". Pouco importa que o CRI não publicou a Chamada no seu jornal, O CRI dos Trabalhadores, apesar do pedido do GB e da LOI. A "Pré-conferência" afirma ao mesmo tempo que é necessário ter publicado a Chamada na sua imprensa e propõe a adesão ao CRI que nunca o fez. Quais são os princípios do "Comitê de ligação"?

Sobre a democracia operária, o "Comitê de ligação" prática uma dupla linguagem ainda mais hipócrita. Permitam que se invoque um parágrafo da Chamada:

"A Socialdemocracia, o stalinismo e as burocracias sindicais sacrificaram a mais elementar moral de classe. Os centristas, os revisionistas e os liquidadores da IV Internacional seguem mesmo caminho. O proletariado tem sede de retidão, honestidade reivindicam a mais da larga democracia operária. Para discutir, para escolher e para agir, os trabalhadores devem expulsar das organizações operárias os métodos introduzidos pelas direções que tentam suprimir ou fazer calar as divergências ao interior do movimento operário com calúnias, amálgamas e a violência física. (Coletivo, Chamada, ponto 19, sublinhamos)"

O congresso de fundação do FTI-CI afirmou que os seus representantes tinham sido excluídos do Coletivo em Abril de 2004, enquanto que deixaram voluntariamente a sua reunião da Bolívia, entregando de resto aos organizadores (Poder obreiro) uma declaração escrita e assinada que atesta. E vocês assinam, com estes bandidos políticos, uma ata que se permite fazer-nos a moral e que nos interroga "para modificarmos nossa atitude política"?

O "secretariado internacional" do COTP-FTI tratou em Dezembro de 2003 Luta marxista de "stalinistas" e "polpotistas". Apesar dos pedidos repetidos do GB, do GG e o CWG, nunca retirou estes insultos, estas calúnias e estes amálgamas. Hoje, assinam com estes indivíduos um extrato da Chamada que é a antítese que fazem; associa-se, falsifi-

cam e calúniam para fazer um "Comitê paritário" que pretende dar lições ao Coletivo e o mundo inteiro.

Amanhã, fundarão um "tribunal moral", como julga C. Munzer?

24) A alquimia centrista do FTI-CI e fiasco do "Comitê paritário"

A perspectiva do morenismo de esquerda argentino – afirmado abertamente no BIOI n° 6 é erigir uma conferência internacional centrista. Mas para "procurar um caminho revolucionário internacionalista", é necessário um mapa e uma bússola, é necessário honestidade e um programa. Independentemente do seu nome, o "Comitê paritário" foi, como o GB lhe prediz ao CWG, paralisia pela heterogeneidade da sua composição.

De acordo com a ata que enviou-nos, as organizações presentes constataram que divergiam sobre:

- a) O método para abordar a realidade
- b) A palavra de ordem das "brigadas operárias internacionais" em Iraque
- c) A situação e o programa na Argentina, incluída a declaração Rio de Turbio
- d) A tática da "frente única antiimperialista"
- e) A política militar e policial
- F) A intervenção nos sindicatos
- G) A caracterização do governo do Brasil
- H) A concepção do centralismo democrático e a construção internacional
- I) A restauração do capitalismo
- J) O "Tribunal moral internacional"

Em outros termos, os componentes do "Comitê paritário" - "Comitê de ligação" não está de acordo sobre nada. Não tem nenhum futuro. Tais blocos sem princípio são a "pedra filosofante" dos alquimistas que sonham transformar o chumbo (o pseudo Trotskismo, revisionistas e oportunistas) em ouro (uma IV Internacional "regenerada"). Qualquer coisa era previsível e foi anunciado (Luta marxista, a FTI e o seu "centro internacional", 6 de Julho de 2004).

A direção da LOI tentou destruir o Coletivo, cujo objetivo era constituir um centro internacional com base nos 21 pontos. A um objetivo oportunista, correspondem frequentemente dos meios malhonnêtes: mentiu aos seus próprios militantes e caluniou o Coletivo. Mas, apesar dos meios da LOI, que era a organização mais numerosa e a única dotada de um aparelho, apesar da sua presença em quatro países da América Latina, a "pré-conferência" que impulsionou desaguou sobre um malogro político. Não devido à ausência do GB e do GG, evidentemente, mas devido às suas bases políticas, ou seja, sua deserção do Coletivo e detrimento aos 21 pontos.

A "pré-conferência" mobilizou talvez um "enorme esforço", mas não produziu nenhum documento digno de uma conferência internacional que reúna pessoas sérias. O Coletivo tinha sido capaz de posições comuns sobre o Iraque, a Bolívia e de lançar uma Chamada com 21 pontos para eliminar os reformistas e os centristas incorrigíveis. O "Comitê paritário" que devia substituí-lo vantajadamente não pôde mesmo ver o dia; a "pré-conferência" não pôde adaptar nem um mínimo texto sobre o Brasil ou sobre qualquer outro assunto. Os fatos são testemunha.

COMO PROSSEGUIR SAUDAVELMENTE A DISCUSSÃO, SE DELIMITAR DO CENTRISMO E AVANÇAR PARA UM CENTRO INTERNACIONAL?

O CC do GB convidou os representantes da LOI que anunciaram uma volta na Europa a apresentar as suas vistas à todos os militantes. O Coletivo reserva-se a possibilidade de intervir nas reuniões e nas conferências que se reclamam do Trotskismo. Mas o GB não pode aderir a agrupamentos centristas sem programa, nem participar num organismo lançado por bandidos políticos.

Num período de refluxo marcado em especial pela derrota histórica do proletariado mundial que constitui o restabelecimento do capitalismo na Rússia, o agrupamento da vanguarda com base no bolchevismo pode ser apenas um processo lento e complexo que perderá a paciência e a firmeza, perante inevitáveis confusões e regressões.

Camaradas do FT e o CC-POR, de modo que a discussão pró-CRI França e de modo que a atividade comum possa prosseguir-se, parece-nos desejável que o TCI exige do FTI a retirada das denominações "stalinistas" e "polpotistas" para com os nossos camaradas do Peru. Esperamos que não alterem vossa posição sobre o caráter democrático do debate internacional a partir da Chamada:

“O método de preparação deve consistir na edição de um boletim interno internacional que publica obrigatoriamente todos os documentos dos grupos e camaradas que aderem à Chamada. (Posicionamento do TCI, parte VII).”

A TCI deveria pedir a publicação e a divulgação junto aos militantes dos grupos da "pré-conferência" dos documentos que emanam das organizações que adotaram a Chamada internacional ("luz, luz, mas luz! ") :

- o balanço da cisão de LM e a crise do Coletivo pelo GB (26 de Janeiro de 2004),
- a resposta à contribuição do CRI sobre a Chamada pelo GB (11 de Fevereiro de 2004) e pela carta aos partidários da Chamada sobre o CRI pelo GB (5 de Abril de 2004),
- a carta enviada ao Coletivo durante a reunião da Bolívia pelo GB(10 de Abril de 2004)
- a declaração internacional para a derrota do imperialismo no Iraque lançada pelo Coletivo e assinada pelo TCI e pelo DPG Turquia (1 Maio de 2004);
- a resposta ao GOI sobre a aristocracia operária pelo GG (2 de Maio de 2004);
- a contribuição sobre Zimmerwald e a conferência da FTI por LM (6 de Julho de 2004)
- esta resposta do GB...

Convidamos a TCI e a todos os grupos que têm participado na "pré-conferência" a participar na discussão do projeto de declaração para a Europa, que está em curso por iniciativa do Coletivo.

Estamos prontos para discutir um projeto semelhante, redigido por uma organização do Brasil sobre a situação e as tarefas neste país decisivo.

Além disso, se na sequência das discussões e as suas reflexões, a FT do Brasil e o CC-POR da Argentina reconhecem-se na Chamada internacional do Coletivo e

tiram todas as conseqüências contra o apoio às reivindicações dos policiais e os militares de carreira, contra qualquer aliança com a burguesia nacional e qualquer ala do exército, deveriam juntar-se ao Coletivo. Seria um passo adiante para o agrupamento internacional revolucionário que o Coletivo prossegue.

A primazia e a continuidade do pensamento revolucionário, inclusive nos períodos mais sombrios, constituem uma enorme vantagem, quem leva ulteriormente os seus frutos para os períodos de ascenso revolucionário. (L. Trotsky, Alquimia centrista ou Marxismo, 24 de Abril de 1935, obras t. 5, IDE, 1979, p. 261)

Com nossa saudação Bolchevik,
A célula central do Grupo Bolchevik

Bravo, bravo!

Algumas considerações iniciais de POM

Em primeiro lugar, é com muita alegria e entusiasmo que nos dedicamos a traduzir (apesar de conter alguns erros de nossa parte e pela qual pedimos desculpas) e a reler o documento em resposta a FTI-CI a TCI e uma posição política sobre a pré-conferência realizada em Brasil em 10 e 11 de julho de 2004.

As presentes linhas, longe de pretender denegrir ou diminuir os esforços e análise dos fatos e das polêmicas que cercaram e cercam os objetivos iniciais de convocação de uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e as Organizações Revolucionárias.

Saudamos o GB pela fundamentação do presente documento bem como do relato histórico das virtudes e traças do Movimento Revolucionário pela transformação da IV Internacional em Movimento de massa que possibilitasse a dar termos à Revolução Proletária.

Camaradas:

Para não denunciar a vocês mesmos, retirem a distorção de que transformemos 21 pontos e 5.

A ata da pré-conferência refletiu as debilidades programáticas apontadas na mesma. Não fez parte da pré-conferência a pretensão de camuflar posições ou exigir acordos quando não os tem.

A defesa da construção de uma V Internacional, a nosso ver, traz dois problemas: primeiro, abandona toda a conquista programática que faz parte do Internacionalismo proletário até a fundação da IV Internacional e abre caminho para a revisão e, segundo, a posição de resolver as distorções e mesmo a tal da regeneração do Trotskismo, combater o centrismo e toda a ordem de revisionismo do marxismo, não se dará de forma mecânica pela simples mudança de algarismos, IV para V. Fazemos nossa as posições do POR Argentino a este respeito de que a IV Internacional, como organismo, não cometeu traição histórica, não se colocando então a construção de uma outra.

A nosso ver, a defesa da Construção da IV Internacional está intimamente ligada à defesa do programa, ou seja: O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels,

os 4 primeiros Congressos da III Internacional, bem como o Programa de Transição de 1938.

Quando da discussão da Frente Única Antiimperialista, fica claro porque necessitam mudar a numeração, pois concebem as resoluções do Quarto Congresso da III Internacional Comunista como sendo obra do stalinismo quando afirmam que sua aplicação na China, Bolívia etc. comprovaram todo seu desastre. Por acaso podem transcrever algum ponto das teses do Oriente em que se aponta que os comunistas (movimento operário) devam se subordinar aos setores ou governos burgueses ou nacionalistas? Por acaso acham que se Trotski contrapunha as ditas teses em contraposição à teoria da revolução permanente não teria registrado nos anais do 4.º Congresso?

Camaradas:

Caso a FTI-CI retire as acusações de stalinistas Polpotistas em relação aos revolucionários de Peru, deixarão de ser bandidos políticos?

Não parecem as vocês que o problema por que passa os revolucionários no mundo sejam o problema da origem de classe destes e a não fusão com o movimento de massas. Que por não romper os ranços pequeno-burgueses (propriedade privada), se tornam proprietários das organizações ou mesmo dos pretensos princípios, mesmo do marxismo? Como se dá a relação dialética do fim perseguido em relação às normas partidárias e mesmo a convivência com distorções programáticas?

A maioria dos militantes presentes na pré-conferência em Brasil de 10 e 11 de julho deixaram claro que não tinham condições de centralizar nada, devido às divergências programáticas. Que o que está colocado para o movimento revolucionário Internacional e principalmente os que se reivindicam do Trotskismo principista, que não debandaram para o stalinismo ou para a social democracia, é de juntarem-se em um organismo regido pela democracia operária, conviver com as diferenças, manter suas organizações, propiciar a constante discussão programática calcada nas conquistas históricas e na situação política mundial atual. Que nesta discussão internacionalista possamos ir clareado as diferenças e possibilitando forjar agrupamentos homogêneos e que, com certeza, será de diversos matizes. Agrupar os setores que se julgam principistas sob a base do programa, conviver com frações e tendências, propiciar o debate programático permanente, propiciar ações dentro da realidade e de massa a escala internacional, orientar a vanguarda e as massas do planeta, fazendo um contra-peso às superestruturas burguesas e ao próprio Fórum Social Mundial que lhes integram.

Não parecem para vocês que o que estão denunciando estão fazendo e mesmo ao exigir uma homogeneização de programa do POR com relação à Frente Revolucionária Antiimperialista e a relação com a polícia?

De fato, camaradas de GB: O materialismo deve nos guiar, assim como a simples defesa do programa não significa sua aplicação; temos certeza de que a materialização do programa revolucionário nas circunstâncias em que se encontra a vanguarda proletária no mundo não se dará por decreto e sem o exercício infatigável da paciência revolucionária, da democracia operária e da ação entre os oprimidos e principalmente no seio da classe instintivamente comunista (operários modernos no sentido de Marx).

Publicamos abaixo:

Ata da Pré-Conferência

Realizada em Brasil 10 e 11 de julho de 2004.

1) Apresentação dos grupos assistentes:

POM, CCR, FT (TQI), Oposição Operária, Trincheira Marxista, Revolucionários em luta de Brasil.

POR (TQI), de Argentina.

Liga Trotskista Internacionalista, de Peru; LOI-QI, de Argentina; COPOI (GOI-NOT), de Chile; FTI-QI em URUS em ação, de Bolívia; membros do FTI-QI.

2) Leitura das adesões escritas do CRI de França e de CWG de Nova Zelândia.

3) Discussão da conjuntura e dos 21 pontos como ponto de partida para o debate

Das intervenções dos participantes surgiram os seguintes acordos:

- Frente a Iraque e a guerra de agressão imperialista: nós estamos na trincheira militar de toda nação oprimida agredida pelo imperialismo, por sua vitória militar e pela derrota do imperialismo. Nós lutamos pela direção proletária revolucionária da guerra nacional e antiimperialista que a transforme no começo da revolução socialista no país oprimido e no seio da nação imperialista agressora. Não é revolucionário nem antiimperialista todo aquele que nos países imperialistas não esteja pela derrota de seu próprio imperialismo e pelo triunfo da classe operária e das nações oprimidas por esse mesmo imperialismo.

- Combater contra as direções traidoras da classe operária, socialdemocracia, stalinismo, burocracia e aristocracia operária, a grande maioria delas agrupadas no Fórum Social Mundial, que tenta reformar o Estado capitalista.

- Contra a frente popular e contra os governos dos partidos operários - burgueses no poder. Contra toda política de colaboração de classes. Denunciar e enfrentar o rolo contra-revolucionário do governo de Lula, e do castrismo e sua política continental de contenção com que estrangulam a luta revolucionária das massas de América Latina e sustentam aos governos e aos regimes dos lacaios do imperialismo.

- Enfrentamento e luta contra os renegados e liquidadores do Trotskismo. Contra o centrismo pseudo Trotskista que na prática subordina-se aos aparelhos reformistas, e que, como por exemplo, no Brasil, ou integram com ministros o governo proimperialista de Lula como no caso da Democracia Socialista (Secretariado Unificado), ou agem como grupos de pressão sobre o mesmo, como o PSTU.

- A defesa dos princípios e da moral proletária e revolucionária, tal como está colocado nos 21 pontos, em seu ponto 19: "A social-democracia, o stalinismo e as

burocracias sindicais liquidaram os mais elementares princípios e moral de classe. Os centristas, revisionistas e liquidadores da IV Internacional os seguem neste caminho. O proletariado tem sede de franqueza, de honestidade, de devoção, da mais ampla democracia operária. Para discutir, para resolver e para atuar, os trabalhadores e a juventude devem desterrar das organizações operárias o método introduzido por estas direções que tentam dirimir ou acalmar as diferenças políticas ao interior do movimento operário mediante a calúnia, as amalgamas, e a violência física”.

No debate, surgiram também os seguintes pontos, em torno dos quais foram expressas diferenças programáticas, a saber:

- a. O método para abordar a realidade e como caracterizar a situação mundial e as situações concretas da luta das classes (Argentina 2001, Bolívia 2003) e tarefas que se desprendem.
- b. Em particular, em Iraque, divergências sobre a palavra de ordem Armas para Iraque e brigadas operárias internacionais, ambas expressadas como exigência as organizações operárias do mundo.
- c. Sobre a situação e o programa atual para Argentina. Divergências precisas em torno da declaração antes a massacre dos mineiros do Rio Turbio, como está expresso nos textos escritos já.
- d. Sobre a tática da Frente Única Antiimperialista, expressada nos materiais escritos já da TQI, FTI-QI, Trincheira Marxista, POM, CCR, e sobre sua aplicação na Argentina.
- e. Sobre a política militar do proletariado, o trabalho ao interior das FFAA (tal como está nos textos escritos da TQI e da FTI-QI) e em particular, sobre a posição frente a polícia, expressado em discussões concretas sobre as realidades de Argentina, Brasil e Peru.
- f. Sobre como devem intervir os revolucionários ao interior dos sindicatos.
- g. Sobre Brasil, respeito à caracterização do governo de Lula, se colocou a divergência de que se trata de um governo burguês proimperialista em general, ou se reúne as características de uma frente popular. Colocou-se um debate aberto acerca de com qual programa de ação revolucionário tem que intervir para enfrentar ao governo e ao regime capitalista e todas suas instituições.
- h. Todos os participantes reivindicam a luta por construir partidos leninistas com centralismo democrático. Não obstante, temos um debate aberto acerca da concepção de partido e centralismo democrático, assim como também arredor da concepção de construção internacional.
- i. Fica como tarefa aprofundar o debate sobre caracterização dos estados operários, degeneração dos mesmos e a restauração capitalista.
- j. Fica aprofundar o debate sobre o Tribunal Moral Internacional.

Sobre a base deste desenvolvimento se constatou que o estado atual das divergências programáticas e do debate, e o fato de novas organizações terem se

incorporado recentemente ao mesmo, não permitia a constituição de um Comitê Paritário que convocara a realização da Conferência Internacional prevista para dezembro de 2004 em Brasil. Portanto, **se resolveu a constituição dum Comitê de Ligação**, sobre a base dos pontos de acordos, as divergências programáticas e as áreas de debate antes mencionadas. Um **Comitê de Ligação** encarregado de organizar o debate com o objetivo de explorar a possibilidade de acrescentar os acordos programáticos superando inclusive os alcançados pelos convocantes originais, porque a luta de classes assim o requer, e ao mesmo tempo bater em comum, com campanhas internacionais, naqueles pontos em que temos acordo.

Por conseguinte, se tomam as seguintes resoluções:

- a) Em primeiro lugar, comunicar as resoluções desta pré-conferência aos camaradas do CWG e do CRI, para que se somem ao Comitê de Ligação.
- b) A edição de um Boletim público de debate internacional comum das organizações membros deste Comitê de Ligação, para o qual todas elas comprometem-se a apresentar suas contribuições por escrito à brevidade possível.
- c) Convidar ao GB da França e ao GG do Estado Espanhol a integrasse ao debate e a este Comitê de Ligação, e a mudar a atitude política que se expressa na sua decisão de não concorrer a pré-conferência no Brasil, a pesar de ter sido especialmente convidados, e a pesar de ter sido redatores dos 21 pontos e convocantes originais a Conferência Internacional, dando assim a costas, lamentavelmente, aos camaradas que, com um esforço enorme, reunimo-nos para procurar um caminho revolucionário internacionalista.
- d) Fazer um chamamento ao debate e a integrasse ao Comitê de Ligação a todo grupo que assim deseje-o, partindo do seu pronunciamento sobre a convocação original de 21 pontos, sobre os pontos de acordos, das divergências e debates aqui colocados, e da publicação dos 21 pontos nos seus materiais oficiais impressos.
- e) Os integrantes deste Comitê de Ligação comprometem-se a garantir uma discussão democrática, e é incompatível a participação no mesmo de toda corrente, grupo ou tendência que, a partir da constituição deste Comitê, expulse companheiros que coloquem divergências políticas e que aderir a tal ou tal posição de outros grupos ou tendências integrantes do mesmo Comitê.
- f) O Comitê de Ligação fixa um novo encontro os dias 8 e 9 de Janeiro de 2005 em Buenos Aires, com o fim de realizarem um balanço dos seis meses de debate transcorridos, e explorar se houve uma suficiente homogeneização programática, como para convocar e pôr data à uma Conferência Internacional que, sobre a base de um programa claro, com maiorias e minorias claras, possa pôr em pé um Centro internacional transitório de reagrupamento dos Trotskistas principistas e as organizações operárias revolucionárias.

- 1) Pelo fim do processo do companheiro Tonhão, e a sua readmissão no seu trabalho, bem como dos outros companheiros afastados e perseguidos pela justiça patronal por combater contra a exploração capitalista e contra a traição da burocracia pelega.
- 2) Campanha pela liberdade dos prisioneiros políticos da América Latina e do mundo.
- 3) Aprova-se a moção "em homenagem aos companheiros Trotskistas que caíram na luta revolucionara", apresentado a Pré-conferência do Brasil pelos camaradas F e R.
- 4) Campanha internacional para chamar aos trabalhadores brasileiros à luta para impedir que o governo de Lula venda e envie armas aos países imperialistas que massacram em Iraque, e por Fora as tropas brasileiras, argentinas e Chilenas, e todos as tropas imperialistas de Haiti.

Propostas de campanhas internacionais à consideração, com base em textos a apresentarem:

- 1) Proposta do FTI-QI: Declaração internacional contra o governo da frente popular no Brasil e com o programa de ação para enfrenta-lo em Brasil e a seu papel contra-revolucionário no continente.
- 2) Proposta do FTI-CI: Declaração internacional pelo boicote ao referendo na Bolívia, e por um Congresso de delegados operários e camponeses da COB e as organizações camponesas.
- 3) Proposta da FTI-CI: todas as organizações constitutivas do Comitê de Ligação, aderir e trabalhar como campanha internacional a declaração sobre os mineiros de Rio Turbio que já têm feito sua o FT e o POM do Brasil, o CWG da Nova Zelândia e a FTI-QI.
- 4) Proposta do FTI-CI: declaração internacional contra a cova de bandidos do Parlamento Europeu dos imperialistas opressores, exploradores e massacradores dos trabalhadores das semicolônias, as colônias e os povos oprimidos do mundo, e dos seus próprios proletariados, e combatendo toda adaptação aos partidos social-imperialistas, como está fundamentado pelo CWG e a FTI-QI nos textos já apresentados.

No encerramento das sessões, toda a organização participante reivindica o caráter de democracia operária que teve o debate, e constatou-se que nas duras discussões políticas e programáticas, ninguém utilizou acusações morais nem calúnias para tentar dirimir as divergências políticas, questão que é um exemplo a seguir.

Comissão Redatora designada pela Pré-Conferência:

Assinam,

Gustavo Gamboa, POR Argentina. (TQI).
 Antonio de Oliveira, POM Brasil.
 Andrade, CCR Brasil.
 Walter Torres, FTI - QI. (Delegado)
 Otavio Lisboa, FT Brasil (TQI).

Chamamento internacional às organizações operárias, camponesas, estudantis, e a todas as organizações que reivindicam revolucionárias.

Arranquemos dos Cáceres do sistema capitalista imperialista apodrecido todos os lutadores antiimperialistas, operários e populares do proletariado mundial que o imperialismo e os regimes e governos assassinos e repressores mantém como reféns!

No Chile desde princípios de abril até 21 de junho, Jorge Espínola, Jorge Mateluna, Hardy Pena e Esteban Burgos, prisioneiros políticos detidos faz mais de uma década em cárcere de alta segurança, fizeram greve de fome mais longa da história deste país que durou 74 dias, para exigir a imediata liberdade de todos os presos políticos Chilenos que somam quase 200, entre os que estão detidos em distintas prisões, os que estão em liberdade condicional ou prisão domiciliar. Ao mesmo tempo, mais de 400 trabalhadores camponeses, estão sendo perseguidos e processados pela justiça pinochetista do regime do escravista, assim um grande número teve que deixar suas comunidades e família, pela ameaça de também terminar na cadeia.

Em 19 de julho - menos de um mês após finalizada a greve de fome de 74 dias-, Jorge Espínola e Jorge Mateluna reiniciaram a greve de fome. A dez dias, ambos tem sofrido a uma terrível deterioração de sua saúde e estão com risco da morte, o primeiro com uma gastrite, o segundo com isquemia no miocárdio. Entre 25 e 26 de julho se somaram na greve de fome por tempo indefinido pela mesma reivindicação, seis prisioneiros políticos mais: Pedro Rosa Aravena, Ramon Escobar Dias, Ramiro Silva Vial, Danilo Macaya Cocio e Julio Pena Parada, e a lutadora mapuche Patricia Roxana Troncoso Robles.

A maioria dos presos políticos chilenos foram encarcerados em 1990, pelo regime do pinochetista e pelos governos sucessivos do acordo Nacional, primeiramente os governos da democracia cristã e agora pelo governo do PS que, com o "socialista" lagos os mantém na cadeia algum sem sentença, outros acumularam as causas e outrossor estar processados pela lei "antiterrorista" estão condenados a prisão perpetua. Foi este governo de Lago que mandou reprimir, perseguir e encarcerar os lutadores do movimento mapuche que lutam enfrentando os monopólios imperialistas que lhes roubam suas terras, condenando a muitos de seus dirigentes a diversos anos de prisão julgando-os usando a "lei antiterrorista".

Liberdade imediata e incondicional a todos os prisioneiros políticos mantidos como reféns pelo regime chileno cívico-militar pinochetista, pelo governo capacho de lagos serventes do imperialismo! Impulsionamos e preparamos greves mobilizações, pronunciamentos, piquetes diante das embaixadas chilenas no mundo inteiro para arrancar da cadeia todos os presos políticos chilenos.

Os abaixo-signatários, organizações socialistas revolucionárias internacionalistas afirmamos que o que fazem o imperialismo angloianqui nas ruas de Abu Graib em Iraque, torturando, prendendo e assassinando aos combatentes da heróica resistência iraquiana; O que fazem o próprio Estado Unido onde os trabalhadores e explorado de origem Árabe ou de religião mulçumana são perseguidos e hostilizados e centenas deles permanecem detidos em cárceres

secretos sem nenhum direito e os em todos os regimes e governos burgueses, imperialistas ou semicolonial, fazem em todas as cadeias do mundo contra aos lutadores operários, camponeses e populares e que mantêm como reféns.

Em Guantánamo, o carneiro de Bush mantém como reféns a mais de 600 lutadores antiimperialistas que foram lutar no Afeganistão e que sobreviveram ao feroz massacre desatado contra as tropas imperialistas em Kunduz e em Mazar e Sharif. Estes lutadores antiimperialistas estão presos por toda a vida sem direito a defesa, sob circunstâncias da tortura diária, total e completamente isoladas uns dos outros, tendo muitos deles empurrados aos suicídios. Liberdade imediata dos lutadores antiimperialistas presos em Guantánamo.

No Estado Espanhol, mais de 800 lutadores independentistas vascos estão presos e são torturados nas garras da monarquia e do governo social-imperialista de Zapatero e do PSOE, como foram no governo de Aznar e antes nas mãos de Felipe González. O imperialismo espanhol, opressor e assassino do heróico povo Vasco e do povo catalán, através de juez Garzón, têm largado uma verdadeira prisão mundial para encontrar até o último lutador Vasco no último rincão do mundo, para extraditar-los e encarcerar-los nas masmorras da monarquia. Assim hoje o governo capacho e proimperialista de Fox no México mantém presos desde há um ano em Reclusorio Norte da cidade do México por ordem da “sua Majestade”, a seis lutadores Vascos e acaba de conceder sua extradição para o Estado Espanhol para entregar-los as garras da monarquia de sua justiça e do governo social-imperialista de Zapatero. Asier Arronategui, Jon Artola, Axun Gorrotxaegui, Joseba Urkijo, Félix García e **Ernesto Alberdi entrou em uma greve de fome que está causando estragos a sua saúde. Liberdade imediata para todos os lutadores independentistas vascos presos no Estado Espanhol, França e México! Basta de prisões, perseguições e extradições!** Esta luta é inseparável da luta por manter vivo o combate do povo vasco e da classe operária do Estado Espanhol contra o regime monárquico imperialista e o combate que estão levando em frente contra o governo de Aznar e antes contra o governo de Felipe González, ambos opressores e assassinos do povo de Euskadi e massacradores do povo iraquiano.

Em todo o mundo, centena de milhares de lutadores antiimperialistas, operários, camponeses e populares são mantidos nos cárceres e masmorras como reféns do imperialismo e dos regimes e governos assassinos e repressores.

Desde Guatemala até o Iraque e Afeganistão; desde Chile até o Estado Espanhol; desde Peru até Turquia; desde Argentina aos Estados Unidos, os carneiros imperialistas e os regimes e governos assassinos e repressores que são seus serventes, mantêm como reféns milhares de lutadores, prisioneiros nos cárceres para amedrontar aos trabalhadores e povos oprimidos do mundo, para aterrorizar-los mostrando-os o que espera a todo aquele que tenha a ousadia de enfrentá-los.

Nos Estados Unidos o Estado e o regime imperialista mantém preso e condenado a morte, desde há mais de 22 anos, a Múmia Abu Jamal, militante e antigo porta-voz dos Panteras Negras de Filadélfia, periodista “da voz dos sem voz”. Está confinado em uma cela com paredes transparentes situada ao lado da sala de execução, o que constitui uma perversa tortura psicológica. A cela está iluminada e vigiada com câmaras de vídeo 24 horas por dia. Múmia está

mantido em um isolamento quase total, sem que se lhe permita sequer ter encontros pessoais.

Na Turquia país membro da OTAN-, o regime e governo assassino, opressor e massacrador do povo kurdo e dos próprios trabalhadores turcos, mantém 10.000 presos políticos turcos e kurdos nos cárceres, sendo sistematicamente e brutalmente torturados. Mais de 100 lutadores presos foram mortos nos últimos anos durante largas e duras greves de fome exigindo suas liberdades ou diretamente massacrados pelo estado assassino que reprime a sangue e a fogo seus protestos nos s cárceres.

Más de 2500 lutadores palestinos estão presos, são torturados e muitos deles são assassinados nos cárceres e nas masmorras do Estado sionista-fascista de Israel e um número indeterminado de destes perdem a vida nos cárceres secretos deste Estado genocida. Porém também, más de 250 presos políticos permanecem encarcerados nas prisões de Arafat da Autoridade Nacional Palestina.

No Peru, o governo capacho de Toledo e seu regime fujimorista ha encarcerado a Alberto Sandoval e os dirigentes da comuna de Ilave; condenou a 10 anos de prisão ao secretario geral da Confederação de aCRICultores cocaleiros Nelson Palomino; devido a revolta em Ayacucho, encarcerou os maestros e jovens protestantes, também manteve prisioneiros faz mas de dez anos a milhares de presos políticos em condições terríveis, muitos deles detidos nos cárceres a cem metros de profundidade e tem desatado uma perseguição macartista contra dirigentes como as cocaleiras Nancy Obregón e Elsa Malpartida, o maestro Robert Huaynalaya, e aos heróicos comuneiros de Ilave, perseguição amparada na política “antinarcoterrorista” do estado semicolonial, política calculada para servir de cobertura legal da repressão generalizada contra o povo em luta.

Na Bolívia o governo assassino e proimperialista de Mesa castigam e perseguem aos comunarios de Ayo-Ayo que com total direito se levantaram e fizeram justiça em relação ao prefeito, já prenderam a quatro de seus dirigentes. Nos dias prévios do referendun proimperialista, lançou uma verdadeira repressão contra os lutadores operários e camponeses que preparavam o boicote ao mesmo, com detenções e ataques as sedes de organizações operárias e camponesas.

No Brasil o governo de frente popular de Lula, o melhor servente de Bush e do FMI da América Latina e o infame regime de pacto social mantém como reféns nos cárceres a centenas de lutadores do Movimento dos Sem Terra, também no campo todos os dias a policia militar e os guardas brancos dos fazendeiros assassinam e massacram aos camponeses sem terra e também sua “justiça” persegue e processa a centenas de lutadores operários, como o companheiro Tonhão, dirigente docente processado e expulso do magistério público por sua participação na greve dos docente de 2000 e por lutar contra a burocracia que apóia ao governo de frente popular de Lula e contra a burocracia sindical pelega. Da mesma maneira mais 4 companheiros professores foram processados e despedidos a bem do serviço público pala participação no acampamento da greve de docente de 2000. Como coroamento da democracia burguesa as 35 testemunhas de defesa também foram processadas e podem perder seus empregos.

Na Argentina o governo de Kirchner servente do FMI, mantém preso em Tartagal (Salta) o piqueteiro “Tyson” Fernández, e a 11 companheiros detidos na luta contra o “código de convivência” fascista que Ibarra e Macri querem impor na cidade de Buenos Aires. Mais de 4.000 lutadores operários e popular estão sendo perseguidos e processados pela justiça patronal podendo terminar a qualquer momento também

presos, como é o caso do dirigente ferroviário Rubens Sobrero, o dirigente da UTD Mosconi, Pepino Fernandes, Raul Godoy do Sindicato dos ceramistas de Neuquén, 60 lutadores operários de Subterráneo, Juan “Pico” Muzzio (dirigente de LOI-CI Democracia Obrera), os lutadores estudantis Ogando e Salgado que estão sendo julgados, os 15 lutadores detidos durante a repressão na Legislatura porteña de 16 de julho passado, hoje processados por “coação agravada” e ameaçados com cinco e dez anos de cadeia, entre outros lutadores. Na China entregada a restauração capitalista e aos monopólios imperialistas pela ex-burocracia stalinista maoísta do Partido Comunista, hoje reciclada em burguesia exploradora. As cadeias estão cheias de presos políticos. São lutadores sobreviventes do feroz massacre de Tiananmen e da repressão que seguiu como continuidade da mesma, desato a burocracia que se reciclava em burguesia, perseguindo, assassinando e prendendo aos operários, camponeses e estudantes que haviam se levantado contra ela. É a mesma nova burguesia que, junto com os monopólios imperialistas, fazem trabalhar os operários chineses como escravos, entre 14 e 18 horas diárias sete dias da semana, em fábricas rodeadas de alambrados e guardas armados, que são verdadeiros cárceres e campos de concentração.

Por um movimento internacional de organizações operárias, camponesas e estudantis pela imediata liberdade de todos os combatentes antiimperialistas, de todos os lutadores operários e populares da classe operária mundial, que são selvagememente torturados e assassinados nos cárceres dos regimes burgueses imperialistas e semicoloniais!

Os organismos de direitos humanos como Amnesty e demais, calam e ocultam que os presos políticos do mundo são reféns da classe operária mundial e de seu combate, em mãos do imperialismo e dos regimes e governos burgueses, porque são organismos financiados pelas próprias potências imperialistas.

Por sua parte, o Fórum Social Mundial, esse fórum de sociais democratas, stalinistas, burocratas sindicais de toda a roupagem, entregadores da luta da classe operária dos explorados de todo o mundo, guarda também um silêncio vergonhoso: nenhuma só ação por libertar aos lutadores da classe operária mundial que são reféns da burguesia, ha saído de suas pomposas reuniões! Muito pelo contrario, o FSM com sua política contra-revolucionaria de colaboração de classes, de reformar o regime capitalista imperialista decadente, estrangula a verdadeira luta pela liberdade dos presos políticos do mundo, que só se conseguirá derrotando e não reformando a este regime imperante a nível mundial! A luta pela liberdade incondicional e imediata de nossos irmãos presos políticos, tem que passar para as únicas mãos seguras: As da classe operária mundial que com seus métodos de luta e organização, com sua mobilização permanente, é a única que poderá arrancar os lutadores antiimperialistas, operários e populares das garras da burguesia!

A luta pela liberdade imediata e incondicional de todos os presos políticos, reféns da classe operária mundial nas mãos do inimigo de classe, é um combate inseparável da luta pela derrota militar do imperialismo no Iraque, por derrotar aos governos e regimes burgueses, por unir as filas da classe operária mundial divididas a cada passo pelas dire-

ções reformistas social-democratas, stalinistas, e as burocracias sindicais.

Os abaixo-assinados, que convocam uma Conferencia Internacional das forças são do Trotskismo e das organizações operárias revolucionarias, impulsionarmos esta luta e fazemos um chamamento a colocarmos em pé um grande movimento internacional das organizações operárias, camponesas e estudantis em luta por arrancar dos cárceres do inimigo da classe a nossos companheiros presos políticos.

Nos comprometemos, por nossa honra de revolucionários internacionalistas, a impulsionar este combate e a levantar como moção as organizações operárias e de luta dos distintos países em que atuamos, este chamamento a por em pé um movimento internacional de organizações operárias, camponesas e estudantis pela imediata liberdade destes combatentes, para que cesse as torturas, prisões, para que acabe com as perseguições e processos judiciais contra os lutadores da classe operária, porque esta demanda pela liberdade dos reféns da classe operária mundial e de seu combate, é inseparável da luta de da classe operária por sua libertação.

Deixamos claro nossa diferença com os métodos de luta estranhos ao Marxismo como, por exemplo, as guerrilhas deslocadas da ação de massa, o terrorismo, o foquismo, bem como os mártires religiosos, afirmamos que a libertação dos oprimidos de qualquer canto do planeta passa pela ação direta das massas rumo a Ditadura do proletariado ao Socialismo como fase transitória ao Comunismo.

Operários e lutadores antiimperialistas de todo o mundo: Levantemos juntos esta bandeira de combate! Arranquemos dos cárceres deste sistema capitalista imperialista aos nossos irmãos presos, torturados e aniquilados! Até que todos eles não estejam livres, até que não estejam novamente entre nós, nosso dever de classe e internacionalista não estará cumprido!

Agosto de 2004.

Partido Operário Marxista (POM) de Brasil – Fração Trotskista de Brasil (integrante de la TCI) – Communist Worker’s Group (Grupo de Obreros Comunistas) de Nueva Zelanda – Liga Trotskista Internacionalista de Perú; Liga Obrera Internacionalista (IV Internacional)-Democracia Obrera de Argentina; Comitê Organizador de un Partido Obrero Internacionalista (GOI-NOT) de Chile; Fração Trotskista Internacionalista en el periódico “Novo Amanhecer” de Bolívia (integrantes de la FTI-CI), Trincheira Marxista (Brasil) e Oposição Operária (Brasil).

TESE DA OPOSIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

NO CAPITALISMO A EDUCAÇÃO OFICIAL SE- GUE OS OBJETIVOS E METAS DO MODELO DE PRODUÇÃO VIGENTE

Para compreendermos os interesses que orientam os passos da classe dominante no poder é necessário o estudo, a compreensão do sistema capitalista e o estágio atual deste.

As orientações dadas à educação oficial seguem as mesmas aplicadas aos meios de comunicação, igreja, parlamento etc., são orientações e direcionamento que advêm da base material (**propriedade privada dos meios de produção**) da classe dominante, com o intuito de manter a relação de exploração vigente.

A CRISE E A BARBÁRIE CAPITALISTA SÓ SERÃO COMBATIDAS COM A LUTA REVOLU- CIONÁRIA DO PROLETARIADO

As condições de vida das massas trabalhadoras são atacadas em prol do lucro da burguesia e a humanidade aprofunda-se na barbárie.

A origem dos gigantescos monopólios que hoje controlam e ditam a política econômica em escala mundial é inerente à própria lógica do capitalismo, que ao entrar na fase imperialista (**fase última e superior**), a superexploração, concentração e tendência monopolista, não desaparecem ou são substituídas; mas intensificam-se, transformando-se em estorvo cada vez maior ao desenvolvimento da produção, representando ameaça à vida da maior parte da humanidade e aprofundando a miséria e violência.

A manutenção da exploração capitalista necessariamente implica em retrocesso, em destruição e anulação crescente das forças produtivas e aprofundamento da barbárie, fato esse que se explica a intensificação da exploração, a estagnação/recessão econômica com crescimento do desemprego mundial.

Conforme se desenvolve e aprofunda sua crise, milhões e milhões de seres humanos são impedidos de ter acesso ao mínimo do mínimo em termos de recursos tecnológicos; seja na saúde, moradia, saneamento básico, educação etc. A maior parte da massa de trabalhadores do mundo vive submetida ao massacre da fome e epidemias.

O capitalismo convive e nutre-se do subemprego, do trabalho semi-feudal e semi-escravo. Nutre-se, como parasita, da parte que avilta e destroça as condições de vida dos trabalhadores.

No Brasil, esse fenômeno agrava se através do governo Lula-PT, que conta com a colaboração das

burocráticas e corrompidas direções sindicais (**CUT, Força Sindical etc**) que estão ajudando governo e empresários a implementarem as medidas de destruição das conquistas e retirada dos direitos dos trabalhadores (**previdência social, direitos trabalhistas, desmonte do Ensino Público, terceirizações etc**), agravando ainda mais suas condições de vida.

A permanência do sistema capitalista, necessariamente significa a intensificação da exploração com sua necessidade crescente de baratear custos; leia-se depreciação da força de trabalho, eliminando conquistas, assim como aniquilando de parte das forças produtivas.

Significa dizer que, para além da luta pelas reivindicações imediatas e conquistas pontuais, faz-se necessário que os trabalhadores lutem por resguardá-las da ganância capitalista, para destruir as relações de exploração capitalista, **lutem pela derrubada do poder da burguesia e à vitória do proletariado sobre esta**. O que torna necessário lutar para desenvolver o programa de emancipação do proletariado e as táticas para vitória **da revolução proletária com a destruição do sistema de exploração capitalista**, instaurando a produção socialista internacionalmente, garantindo sua organização e socialização através da democracia e poder operário (**ditadura do proletariado**). A crise da qual é vítima o proletariado só será barrada com a destruição do capitalismo e socialização da produção.

A correta leitura da realidade e crise mundial capitalista, a identificação de suas raízes é de fundamental importância para que os trabalhadores consigam adotar a forma e métodos de luta conseqüentes para responder aos anseios e necessidades da classe.

Este se utiliza da miséria à qual vem sendo submetido o povo dos países pobres (em conseqüência da retirada das conquistas da revolução e introdução do superado capitalismo) para vangloriar-se da vitória do capitalismo (vitalidade) e o fim ou falência do comunismo. Apresentam a queda do muro de Berlim como sinônimo do fim do Marxismo e a globalização como uma revolução capitalista rumo à modernidade e ao futuro.

A situação mundial caracteriza-se pela continuidade e aprofundamento da crise mundial capitalista, com recessão, aumento da concentração da riqueza, crescimento do desemprego e alastramento da pobreza pela qual passam os vários países da América Latina, da África, da Ásia, da Europa e inclusive as economias dos países imperialistas (G-7), o que expressa o caráter estrutural da crise de superprodução capitalista e seu estágio de desintegração, colocando por terra todas as explicações e receitas adotadas pela burguesia e seus governos. Essas receitas traduzem-se em mecanismos de intensificação da exploração da classe trabalhadora. Essa é a única forma que a burguesia tem para sobreviver e responder à crise.

A forma política de existência do capitalismo moderno é determinada pelos grandes monopólios internacionais que, mais do que nunca, tem a necessidade de intensificar e ampliar a exploração para além das fronteiras das potências como forma de garantir a continuidade da realização do lucro.

Impõe-se uma transferência de poder e subjugamento dos Estados nacionais dos países oprimidos aos Estados das potências e órgãos internacionais do imperialismo, eliminando-se qualquer traço de autonomia dessas nações. Os Estados nacionais são subordinados aos organismos imperialistas e estão colocados como correia de transmissão das decisões da vanguarda da burguesia representada pelos grandes **monopólios** internacionais.

As disputas comerciais entre as potências pelo domínio e ampliação dos mercados, resultando nas configurações dos blocos econômicos, tais como **NAFTA**, **UE**, e agora com a imposição da **ALCA** para a América Latina, aliadas às medidas do **FMI**. Essas disputas se reduzem na imposição da abertura e domínios dos mercados dos **países oprimidos** como forma das potências imperialistas **sobreviverem à crise de superprodução** em que vivem. O que significa falências das indústrias dos países oprimidos, desemprego, retiradas de direitos, aumento da exploração, etc.

Hoje, além das disputas e intervencionismo econômico com os blocos econômicos, OMC, FMI, BID etc, os países imperialistas cada vez mais recorrem ao poderio bélico como forma de conquistar mercados e sobressair momentaneamente da crise. Cada vez mais é retirada a soberania dos estados nacionais dos países oprimidos. Estes estão colocados como mera correia de transmissão das decisões da vanguarda da burguesia (os grandes monopólios), por meios dos estados imperialistas e organismos internacionais políticos e financeiros que controlam.

A grande concentração de riqueza/capital financeiro realizada pelo capitalismo impõe mudança na forma política de domínio da burguesia.

No capitalismo, ao mesmo tempo em que se observa a desagregação das forças produtivas, observa-se tam-

bém a decomposição crescente da própria democracia burguesa. As decisões, que determinam e definem o ordenamento e poder em escala mundial, já não tem qualquer resquício ou dependência da democracia formal. A exemplo das decisões da OMC, ONU, os B.Cs, FMI etc. O retrocesso no campo político corresponde ao que ocorre no econômico. O estado e a política burguesa em escala internacional aprofunda sua tendência fascista.

Os governos aprovam medidas que retiram as conquistas dos trabalhadores, como foi com a Reforma da Previdência/privatização da aposentadoria, retirada dos direitos trabalhistas, ataque e desmonte dos serviços públicos. O que constituem verdadeiros saques às condições de vida das massas e que são repassados à burguesia (em forma de lucro) através da agiotagem financeira, dos juros da dívida pública, numa ação conjunta da burguesia e seus governos, contra os trabalhadores.

Os argumentos que tentam justificar a pauperização da vida dos trabalhadores, salvaguardando a exploração burguesa e seu sistema, são levados para as organizações dos explorados pelas direções sindicais burocratas com o objetivo de desviar os trabalhadores da luta direta contra a burguesia e seu estado.

Sob influência da burguesia, foram estruturados mundialmente vários partidos de discursos reformistas, que em geral usam o nome dos trabalhadores, do socialismo, etc. Esses partidos, de início estruturados nas lutas dos trabalhadores, na seqüência passam a frear essas lutas, negando-as e tramando contra as mesmas, apresentando seu caráter traidor e burguês. A política de orientação burguesa no interior dos sindicatos tem sido o principal entrave à possibilidade de vitória das lutas dos trabalhadores.

Diante dos ataques da burguesia e seus governos, que saqueiam direitos, agravando as condições de vida dos trabalhadores, temos assistido em escala mundial sua resistência. A exemplo, temos as greves na França, Austrália, Peru, Brasil, Argentina, Bolívia etc. Apesar da resistência e luta dos trabalhadores, as direções das centrais sindicais internacionais não adotam políticas de unificação das lutas dos vários setores dos trabalhadores ao invés de aplicar a política revolucionária do proletariado, com reivindicações classistas e métodos da democracia própria.

A crise e barbárie capitalista só serão resolvidas com a transformação revolucionária da sociedade pelo proletariado.

CAPITALISMO

“DEMOCRACIA” VIVE, NECESSITA E QUER GUERRA.

A análise histórica dos mecanismos de funcionamento do capitalismo permite explicar a natureza

das guerras e mostra a verdadeira face do capitalismo e sua "democracia".

Hoje, os monopólios que financiam o Estado americano, detêm controle total sobre o Iraque e através da força da guerra negociam em melhor situação com Alemanha e França o controle e exploração do petróleo.

Desta forma, os EUA vão tentando se consolidar na região apesar da heróica resistência dos povos Árabes e Mulçumanos.

Derrubar Sadam Hussein foi parte de uma ampla ação para gerar novos negócios para a indústria americana e para estabilizar o Oriente Médio através de governos favoráveis aos interesses econômicos dos EUA.

Deflagrou a guerra contra o Afeganistão e contra o Iraque; ameaçou e ameaça constantemente seus opositores no mundo. Dá sustentação política e financeira a interminável ofensiva do estado de Israel contra a palestina. Israel, que foi criado artificialmente como instrumento estratégico - militar e geográfico de controle e expansão capitalista americana é responsável pela expulsão de milhões de palestinos de suas terras, além de manter os que ainda resistem cercados e sob ameaça constante das suas forças armadas.

Na América Latina, os EUA promoveram e continuam a auxiliar o governo da Colômbia com ações militares de toda ordem, principalmente as de caráter mercenárias/paramilitares, de olho nas fontes de matérias - primas, contra as Organizações do povo colombiano como forma de implantar o terrorismo, assegurando o tráfico de drogas pelas autoridades oficiais, retomando o controle do território das FARC's e outras organizações revolucionárias. Assim como no Iraque foi utilizada a falácia da luta contra o terror para justificar a invasão armada; na Colômbia é utilizada a questão do terror e das drogas. Neste último caso é bom lembrar que na cadeia da indústria das drogas (refino) encontram-se grandes monopólios industriais nortes americanos e que paramilitares apoiados pelos EUA controlam esse comércio (**Auto defesa Unida da Colômbia - AUC**).

É tarefa de primeira necessidade, termos clareza da política imperialista e suas guerras.

A LUTA ANTIIMPERIALISTA É PARTE DA LUTA ANTICAPITALISTA.

FORA O IMPERIALISMO DO IRAQUE! FORA ISRAEL DA PALESTINA!

FORA EUA DA AMÉRICA LATINA! ABAIXO O CAPITALISMO!

PELA DERROTA MILITAR DO IMPERIALISMO! NÃO A ALCA! NÃO AO MERCOSUL!

PELA FEDERAÇÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS DA AMÉRICA LATINA!

CONJUNTURA NACIONAL

O Brasil vive as conseqüências da crise capitalista que se aprofunda mundialmente.

Na condição de país oprimido, essas conseqüências se intensificam ainda mais. Os governos, federal, estaduais e municipais seguem à risca as imposições da vanguarda da burguesia e seus organismos internacionais como **FMI, ONU, OMC, BIRD**.

A estagnação e recessão econômica, os saques das conquistas dos trabalhadores trazem sérias conseqüências ao cotidiano das famílias proletárias que sofrem com o desemprego, queda nos salários, aumento dos preços e tarifas no geral, ampliando ainda mais a miséria.

As reformas que esse governo vem impondo aos trabalhadores tratam da retirada de direitos e conquistas.

Além do papel pró-burguês e pró-imperialista internamente, internacionalmente, o governo Lula e a direção do PT defenderam e continuam defendendo abertamente a invasão e atual ocupação dos EUA contra o Iraque.

A submissão ao imperialismo norte-americano é tamanha que Lula pediu para ocupar permanentemente uma das cadeiras da ONU. Na América Latina, o corrompido Lula, usurpa e utiliza-se do brio e da moral das lutas operárias de 78 no Brasil, as quais há muito já havia traído, para mais uma vez cumprir o papel sujo de mediador para tornar mais fácil a implementação da política imperialista nos países latino-americanos, ajudando a trair e sufocar as lutas de resistências das massas nesses países. Foi assim na Argentina, Bolívia, Venezuela etc.

Seguindo a política de orientação dos organismos imperialistas, o governo Lula/PT, dá continuidade às reformas de FHC, como a reforma da previdência, que elimina direitos trabalhistas, acabando com a aposentadoria integral dos trabalhadores das instituições públicas e privadas.

A reforma da previdência significou a ampliação da idade para o trabalhador se aposentar, aumentando sete anos em média; significou também confisco nos salários dos servidores públicos (aumento na contribuição), taxaço dos inativos, fim das aposentadorias especiais e o fortalecimento da previdência particular. Um verdadeiro saque aos direitos e conquistas dos trabalhadores descarregando sobre suas costas, os rombos e rapinagem governamental em prol dos capitalistas.

A reforma da CLT que será deixada para depois das eleições irá flexibilizar totalmente as relações do trabalho, acabando com a multa de 40% do FGTS, parcelar o 13.º salário, mexer nas férias e no trabalho registrado. Será dado a tal da "livre negociação entre burocracia sindical, governo e patrões". A CLT será completamente refor-

mulada em favor dos empresários. Governo, patrões e burocracia sindical estão mais unidos do que nunca no sentido de flexibilizar a legislação trabalhista, tornando a negociação acima da Lei. O trabalho registrado será secundário, as indenizações por demissões retiradas.

Apesar da ilusão que é plantada entre os trabalhadores da possibilidade de recuperação da economia por “habilidades administrativas”, as reivindicações e as necessidades da classe trabalhadora não serão atendidas por esse governo, pois os problemas econômicos e sociais não serão resolvidos com promessas sem que os trabalhadores quebrem as amarras e exploração capitalista.

Historicamente, a **Social Democracia**, em estreita relação com a burocracia sindical, juntamente com a Igreja (**Social Reformismo**), se transformaram em **social imperialismo**. Vejamos então o papel que desempenham:

- Que a política imperialista seja aplicada na sua essência;

- Que a burocracia nas Organizações operárias e populares dê retaguarda, apoio, e funcione em prol da conciliação de classes, bem como polícia política do movimento independente em favor do estado repressor.

Nestas condições, os Movimento de massas independentes, que com certeza surgirão como forma de lutar contra os ataques dos governos sofrerão a perseguição do Estado que assume a política pré-fascista de cooptação e combate pelos próprios oprimidos da luta independente.

A REFORMA SINDICAL DO GOVERNO LULA

O texto sobre a reforma sindical já foi aprovado no Fórum Nacional do Trabalho (FNT) que foi composto por representantes das Centrais Sindicais, Empresários e Governos e está em total acordo com os objetivos e metas da grande burguesia nacional e internacional, já fazendo parte inclusive da reforma trabalhista com o objetivo de eliminar totalmente as garantias trabalhistas da CLT.

A Reforma Sindical vai concentrar poder na cúpula das Centrais Sindicais para retirar direitos na Reforma Trabalhista e ao contrário do que pregam os dirigentes do PT não é moralizadora, pois acaba com o Imposto Sindical que representa em média 3,3% do rendimento do trabalhador e cria a taxa negocial que pode chegar até o 13% do rendimento do trabalhador.

Atrela o movimento sindical brasileiro de uma forma mais integralista ao Estado, através do Conselho Nacional de Relações do Trabalho, que é composto por:

- 5 membros efetivos mais 5 suplentes das Centrais Sindicais, burocratizadas que nada farão mais do que ajudar os patrões e o governo des-

tes;

- 5 membros efetivos mais 5 suplentes dos empregadores (patrões); e
- 5 membros do Governo que no capitalismo está a serviço da burguesia.

Como parte do Conselho Nacional de Relações do Trabalho funcionarão duas câmaras bipartites.

Estes Organismos terão força de Legislar, resolver conflitos trabalhistas, cassar sindicatos, regulamentar os novos, etc.

Da Negociação Coletiva

Obrigatoriedade da Negociação Coletiva anual e normativa a qualquer momento reconhecida com força de Lei.

Cria a figura da prática Anti-sindical que com a recusa de negociação o Conselho Nacional de Relações de Trabalho poderá inclusive cassar o sindicato.

Permitirá as cúpulas das Centrais constituir sindicatos pelegos nas bases de sindicatos que ousarem a enfrentar os patrões e governo.

E quanto ao direito de GREVE?

No Brasil, não há direito de greve. O que é previsto na Constituição de 1988 como direito, encontra-se limitado pela Lei antigreve de 1989. Esta obriga que os trabalhadores comuniquem os patrões 72 horas antes de seu início. Exige que os serviços fundamentais das empresas sejam mantidos. Permite aos capitalistas a contratação de trabalhadores enquanto durar a greve. Penaliza os grevistas que fazem piquetes e causam danos “a propriedade privada”. Proíbe a greve nos serviços considerados essenciais. E multa os sindicatos que não acatem as decisões do Tribunal do Trabalho.

A reforma não ameniza a lei antigreve. Ao contrário, vai mais afundo. Cria um dispositivo que impede a livre manifestação dos grevistas. Pune os grevistas que não se disciplinarem às orientações gerais da Lei de greve. Passam a ser considerados como “anti-sindicais”.

Acaba totalmente com o precário direito de greve estabelecido no artigo 9º da Constituição Federal. Os artigos de regulamentação da greve entram em contradição com o direito de greve e acabam definindo a greve instintiva como na maioria das vezes ocorre como caso de polícia e prática anti-sindical. Os grevistas terão que manter parte dos trabalhadores nos seus postos, caso isto não aconteça os patrões ficam já autorizados a contratar outros trabalhadores para ocupar o lugar dos grevistas. Os serviços considerados essenciais são ampliados e os trabalhadores proibidos de se manifestar.

Em síntese a proposta da Reforma Sindical é a seguintes:

1-Burocratiza ainda mais a estrutura sindical

brasileira com o reconhecimento oficial na estrutura sindical das Centrais Sindicais e com a transformação dos sindicatos por categorias em sindicatos por ramos de atividade econômica e na possibilidade de transformá-los em escala Estadual e Federal;

2- Reforça o poder do Estado sobre os sindicatos com os super poderes do Conselho Nacional de Relações de Trabalho;

3- Praticamente torna a liberdade sindical em caso de polícia;

4 - Acaba com o poder das Assembléias de base;

5 -Acaba com o Imposto Sindical, mas cria mecanismo de saque dos salários dos trabalhadores que triplicará a arrecadação do Imposto através da cobrança do assistencial das convenções normativas e que após a Reforma da CLT, penalizará os trabalhadores duplamente e que além da retirada dos direitos têm que pagar assistencial pelo feito dos burocratas;

6-Prepara as bases para a Reforma da CLT (Legislação Trabalhista), adequando as Convenções Trabalhistas, não somente a anual que chamamos de data-base e campanha salarial, mas quantas forem preciso durante o ano (normativas) com força de Lei, fazendo valer uma velha reivindicação do governo FHC e Força Sindical de flexibilização da Lei Trabalhista e em seu lugar colocar a “livre negociação entre empregados e patrões”. As Centrais Sindicais, Confederações e Federações poderão criar ou transformar os sindicatos em municipais, regionais, estaduais ou nacionais;

7 -Quanto aos sindicatos, eles podem ser por representação comprovada desde que consigam na base 20% de associados, no mínimo, ou emprestar esta representação de uma Central, Federação ou Confederação obtendo a representação derivada;

8-Os sindicatos de representação comprovada poderão adotar o sindicato na base com exclusividade, caso isto aconteça, a formulação do Estatuto caberá ao Conselho Nacional de Relações do Trabalho;

9 - Já aos Sindicatos sem exclusividade na base (sem poder nenhum) caberá às Assembléias da base a definição dos estatutos;

10 - Acaba com o Imposto Sindical de forma gradual, institui cobrança do assistencial de 1% do rendimento do ano anterior do trabalhador nas convenções coletivas anuais e autoriza quantas convenções coletivas normativas cada sindicato, central, confederação ou federação quiser realizar durante o ano, todas com a autorização mediante Assembléias da base sobre o desconto a título de assistencial de 1% da renda auferida pelo trabalhador no ano anterior;

11 - Permitirá as cúpulas das Centrais constituir Sindicatos pelegos nas bases de Sindicatos que ousarem a enfrentar os patrões e governo.

Este é um dos maiores golpes do governo Lula, pois os trabalhadores perderão de goleada, ou seja: de 15 a 0.

Cabe aos ativistas, aos trabalhadores e revolucionários se qualificarem perante os oprimidos no sentido da organização da luta direta, construindo uma Oposição Revolucionária, para retomar o controle das organizações de classe.

Os oprimidos, os lutadores e as organizações que não se deixam levar e vender-se por migalhas tiradas da mesa de seus irmãos devem, trabalhar incansavelmente e exigir em um grito de guerra permanente a independência do movimento sindical e popular das organizações do Estado burguês; exigir o exercício da Democracia Operária e a morte a democracia burguesa e formal, com suas falsidades, mentiras, perseguições, cooptações, fome, miséria e ampliação da barbárie. Neste sentido, defendemos as seguintes bandeiras de lutas:

- Queremos empregos para todos e salários capazes de garantir uma vida com dignidade, ou seja, que garanta todas as necessidades básicas do trabalhador;
- Repartição das horas de trabalho a todos os trabalhadores sem redução de salários;
- Queremos Terra e Moradia para todos;
- Queremos conhecimento histórico e tecnológico para viver melhor, trabalharmos menos, usufruirmos a riqueza e o desenvolvimento da civilização, da Cultura e do Lazer;
- Queremos o fim da exploração do homem pelo homem;
- Queremos a natureza libertada para a própria natureza;
- Que o homem se liberte para viver feliz sem precisar viver de ilusão em abstrações e seres celestes.
- Pela redução da Jornada de trabalho, sem redução de salários e com reposição de todas as perdas;
- Em defesa das ocupações de terras no campo e na cidade, como única forma de conquistar e de destruir os latifúndios, colocando a terra a serviço dos que necessitam trabalhar, plantar e morar;
- Que a reforma agrária cantada em verso e em prosa só será possível sua realização com a tomada do poder pelos operários e camponeses, pelo rompimento armado com o imperialismo;
- Ruptura imediata com o FMI;
- Não pagamento da dívida externa e interna;
- Por um Governo Operário e Camponês, saído da insurreição e não do voto;
- Pelo Socialismo e Ditadura do Proletariado.

EDUCAÇÃO

Para haver a produção do conhecimento, é necessário que a teorização esteja intimamente ligada ao processo de trabalho e à produção geral, material e social. Através da percepção prática, temos a dimensão da realidade imediata.

A existência dessa escola, onde haja a produção do novo conhecimento e promoção da liberdade humana, é incompatível com os interesses da burguesia e seu sistema de exploração.

No capitalismo, a mão-de-obra e o processo de produção representam fonte de exploração e alienação dos trabalhadores.

A decadência da escola pública está assentada na crise crônica capitalista, que aniquila constantemente parte das forças produtivas, impondo o retrocesso. O que significa dizer que sob este sistema a desestruturação da educação aumentará. Seu declínio reside no fato da burguesia estar constantemente saqueando verbas das conquistas dos trabalhadores como saúde e educação pública, para nutrir seu capital; reside na precariedade das condições de vida que são impostas aos trabalhadores, à infância e juventude.

As medidas educacionais apresentadas pelo governo **Lula - PT**, através dos ministros **Cristóvão Buarque e Tarso Genro** em nada se diferenciam da política privatista exigida pelo **Banco Mundial e FMI** que vinham sendo aplicadas por FHC. Essa política de continuidade do Governo Lula ocorre devido ao seu comprometimento com a grande burguesia em saquear os direitos e conquistas dos trabalhadores em relação à escola. O governo aplica à risca a LDB, imposição do imperialismo, que garante a municipalização do ensino e aplicação de verbas públicas em instituições privadas, aprofundando a privatização e sucateamento da escola pública.

Através do projeto do **MEC** “choque de qualidade no ensino básico”, o governo Lula - PT retoma e dá seqüência às medidas recomendadas pelo Banco Mundial para a educação (**desmonte/privatização**) iniciada por FHC. O projeto trata de mais corte de verbas dos Sistemas Públicos de Ensino, federal, estaduais e municipais. Se não vejamos:

1- Proposta do Governo para a Reforma do Ensino Médio:

- Retira a obrigatoriedade de 01 ano do Ensino Médio, criando o Currículo mínimo de 02 anos, garantindo assim um corte na permanência dos alunos na escola, o que permitirá ao governo a utilização desses recursos para pagamento de dívidas e acordos com FMI, favorecendo as escolas privadas, ampliando seu campo de exploração.

Esse tal “choque de qualidade” defendido pelo ministro tarso Genro-PT, trata-se da essência da proposta do Banco Mundial/FHC que o ex-governador Covas e sua secretária Rose Neubauer

tentou implantar, na íntegra, em São Paulo e que os professores estaduais resistiram bravamente, combatendo através do enfrentamento direto na greve de 2000.

2 - Proposta do Governo para a reforma do Ensino Fundamental

- O Ensino fundamental passa a ter 09 anos. O último ano da pré-escola passa para o Ensino Fundamental.

Com isso, parte da Pré-escola (último ano) que era financiado com a verba do município passa a ser custeada pelo FUNDEF, diminuindo proporcionalmente a verba do Ensino Fundamental.

- premiar os melhores professores com bonificação e computadores!

- revalidação das licenciaturas a cada 05 anos!

Esses pontos já são suficientes para demonstrar o significado e orientação da tal reforma do governo Lula -PT para o Ensino Fundamental. Expressa uma negociata entre prefeitos, governos estadual e federal, com o objetivo de desvincular verbas obrigatórias a serem aplicadas na educação.

3- Proposta para Reforma das Universidades

O governo Lula-PT acatando as determinações do BIRD/FMI, continua implantando as Reformas Educacionais em todos os níveis, dessa vez vai implantar a Reforma Universitária, com um slogan de Universidade para todos. Proposta esta que trata de demissão de professores a partir de avaliações, privatiza parte do ensino superior e retira verba do Sistema Público de Ensino para socorrer os empresários da educação (loteia vagas nas Universidades particulares, com dinheiro público) e faz a demagogia da “inclusão social” como, por exemplo, com o sistema de cotas. Na verdade o governo Lula-PT ao invés de usar as verbas para construção de universidades públicas e mais investimentos nas já existentes, está desviando estas.

POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVERNO ALCKMIN/CHALITA

Em termos de efeitos práticos, as políticas dos governos em geral são iguais, traduz-se em corte de verbas da educação e desmonte de todos os níveis de Ensino Público e gratuito.

Enquanto alunos e professores são massacrados no interior das escolas, o Governador Geraldo Alckmin, através do secretário Chalita, apoiando-se nos intelectuais corrompidos por editoras e verbas governamentais, vem a público com suas receitas e manuais, travestidos de livres pensadores, pregando demagogia (“amor”, “afetividade”, “cidadania”, etc.) para se safar

da responsabilidade pela crise e sucateamento da educação, além de culpar os professores pelo baixo rendimento dos alunos como forma de esconder o verdadeiro problema da escola pública.

Como os projetos do governo tratam do desmonte da educação, eles são acompanhados de toda uma orientação de repressão e perseguição aos trabalhadores em educação e aos alunos no interior das escolas, que têm por meta impedir e quebrar a organização destes que vem lutando em defesa da escola pública. Trata-se de mais uma medida de contenção de gastos, onde os alunos são aprovados e empurrados para fora da escola, independente da aprendizagem.

A decadência da educação está localizada na precariedade das condições das escolas e na degradação das condições de vida dos trabalhadores e seus filhos, fatores estes que pressionam a criança e jovens a abandonar os estudos. O governo, através de falsos teóricos (corrompidos), sugere que a repetência e evasão na educação se dão em função da avaliação inadequada dos professores.

A luta contra a decadência da educação pública é parte da luta geral do proletariado, que passa pela obtenção do controle dos trabalhadores sobre essa produção e a escola. **Sendo assim, defendemos as seguintes bandeiras de lutas:**

- Contra o mecanismo de opressão via a justiça burguesa e que todas as questões devem ser resolvidas em Assembléias;
- Sala de alfabetização com 20 alunos por sala e no máximo 25 para fundamental e médio;
- Redução da jornada de trabalho sem redução salarial (20 horas com aluno, 10 horas extra-classe, sendo 5 horas na escola e 5 horas livres);
- Reabertura das salas fechadas; Duração de aula de 45 minutos; Fim dos recreios dirigidos;
- Obrigatoriedade de creches a todas as crianças com período integral;
- Coordenador pedagógico eleito e submetido às assembléias da comunidade escolar sem se submeter às orientações do Estado;
- Contra os conselhos municipais e estaduais de educação; Abaixo a LDB;
- Que o Estado custeie toda a rede de ensino público, nenhuma cobrança de taxas na escola;
- Abaixo os projetos educacionais do Governo Lula, Alckmin e Marta;
- Liberação para cursos de especialização aberto à todos os educadores nas universidades públicas (custeado pelo Estado) sem prejuízo salarial;
- Assembléia escolar como órgão máximo de deliberação política, pedagógica e financeira;
- Não às parcerias com a rede privada; Contra o voluntarismo;
- Pela contratação imediata de funcionários através de concurso público pelo Estado (fim do trabalho semi-escravo); Fora a polícia das escolas;
- Envolver a juventude na luta anticapitalista dando perspectiva e sentido nos seus estudos, da in-

corporação de toda esta energia na luta pela libertação da exploração do homem pelo homem;

- Emprego à juventude operária adequando ao horário escolar;
- Que os trabalhadores em educação lutem na perspectiva pela escola laica e sob seu controle ;
- Que as escolas sejam células e centros de formação científico-históricos dos trabalhadores;
- Que as direções das U.Es sejam eleitas em Assembléias da comunidade escolar através de um projeto político pedagógico; Pelo sistema único de educação em todos os níveis e pelo fim da rede privada (estatização da rede privada);
- Vaga para todos (em todos os níveis) educacionais e fim dos vestibulares;
- Contra a municipalização do ensino/privatização das escolas;
- Boicote aos projetos do governo (SARESP, Reclassificação, Progressão Continuada, Escola da Família, Pedagogia do Afeto etc);
- Conquistar a liberdade de organização para formar os grêmios estudantis independentes das direções para lutar por uma escola que atenda aos seus interesses.
- Não ao sistema de cotas nas Universidades; Pela construção de mais universidades públicas.

PERSEGUIÇÃO DOS GOVERNOS AOS PROFESSORES - POLÍTICA DE CONTEÚDO FASCISTA

Para garantir os ganhos da burguesia, os governos são orientados a descarregarem o peso da crise capitalista sobre as costas dos trabalhadores, destruindo seus direitos sociais conquistados ao longo da história.

De fato, a política de perseguição do governo tem surtido efeito, uma vez que conta com a colaboração direta da Direção da APEOESP, a qual utiliza e defende os mesmos métodos para perseguir seus oponentes.

Portanto, defender os professores grevistas demitidos e os indiciados por causa da greve de 2000 se constitui em um contra peso à política fascista e de perseguições do governo. Constitui-se em uma ação de efeito moral e de encorajamento da luta contra os avanços neoliberais na educação.

As demissões e perseguições aos professores são fruto da necessidade do governo continuar atacando a escola pública. Portanto, tanto a defesa da escola pública como a desses companheiros só pode ser realizada pela luta do conjunto dos trabalhadores. **Sendo assim, defendemos as seguintes bandeiras de lutas:**

- Que a APEOESP assuma por princípio a defesa de todos os professores que estão sendo perseguidos pelo governo e seus aparatos (direções de escolas, Dirigentes Regionais de Ensino);
- Repúdio à atitude anti-classista do uso dos mecanismos da justiça burguesa contra os traba-

lhadores; - Construção da luta direta para enfrentar o governo e defender os trabalhadores;

- Pela readmissão dos professores demitidos;
- Abaixo os processos administrativos e criminais do Estado contra os trabalhadores em educação.

CONJUNTURA SINDICAL

Devido às péssimas condições de trabalho e tendo em vista que suas condições de vida pioravam, os trabalhadores começam a lutar e resistir contra a exploração capitalista, que se dava principalmente, através dos baixos salários e do prolongamento das já estafantes jornadas de trabalho. É em função da necessidade de resistir á exploração que os trabalhadores construíram os sindicatos, os quais surgem independentemente da vontade dos patrões e de seu Estado.

Para impedir que os trabalhadores fortaleçam a resistência à exploração, e sua luta através do sindicato, a burguesia quando não interviu pela força física (fascismo, gangsterismo, polícia etc) para dismantelar estes, historicamente tratou de forjar a burocracia dentro das organizações operárias e assim desenvolver a orientação política burguesa dentro dos sindicatos, que significa na prática, a negação da democracia operária e o aniquilamento da autonomia e independência desses organismos, atrelando e condicionando-os ao estado.

O processo de atrelamento e submissão do funcionamento dos sindicatos ao estado burguês e a maneira clássica da burocratização destes, o que em essência, significa o impedimento do exercício da democracia operária.

Em função da política colaboracionista das direções do movimento sindical, há anos que a conjuntura do sindicalismo no Brasil, vem sendo completamente favorável a burguesia e ao sistema capitalista.

A CUT nasce no início da década de 80 no bojo das lutas operárias por suas reivindicações imediatas e da luta contra a ditadura militar que contava com a participação dos reformistas e outros setores da burguesia e pequena burguesia que se juntavam ao movimento operário, objetivando resgatar a “democracia burguesa”. Sua estruturação é financiada, a princípio, pela cotização dos trabalhadores que se dava principalmente, através dos sindicatos. Em meados dessa mesma década já se expressava de forma predominante a prática conciliadora e burocrática com os acordos de cúpulas, conciliações entre sua direção, patronal e governos; assim como a utilização do movimento operário não para derrotar os patrões e governo, mas com meros objetivos eleitoreiros da Social-Democracia traíndo o movimento; tratava-se já da expressão da política e do discurso reformista do PT que aprofundava cada vez mais os métodos da política burocrática e pró-burguesa, estabelecendo laços claros e definitivos com a burguesia, seus governos e o imperialismo; con-

substanciado pela sua prática e pela filiação da CUT à Central Sindical Internacional traidora e pró-imperialista - CIOLS. Hoje a direção cutista (PT/PCdoB) encontra-se completamente corrompida e comprometida com as medidas e política pró-imperialista do governo Lula-PT. Trata-se de uma direção sindical traidora, corrompida, pró-burguesa, imperialista e governista.

É bom termos claro que as duas direções burocráticas, principalmente a governista CUT, não mobilizará os trabalhadores nem pelo “reformismo” pregado em seu discurso. Ao contrário essa burocracia já está trabalhando com todas suas forças para impedir qualquer forma de luta dos trabalhadores contra as medidas pró-imperialistas do governo Lula-PT.

Essas direções corrompidas falam falsamente de “humanização do capitalismo”, de “democratizar o estado burguês”, da “redistribuição de renda”, da “inclusão dos excluídos”, alimentando a ilusão na política e partidos burgueses e pequeno-burgueses, visando os pleitos eleitorais e a conciliação de classes.

A propaganda das idéias burguesas, ao longo dos anos, no interior dos sindicatos, incute entre os trabalhadores a ilusão de neutralidade destes, de seu caráter apolítico e apartidário.

Quando os trabalhadores lutam em defesa da aposentadoria, contra as medidas de desmonte da escola pública, contra a Reforma Universitária (privatização), Sindical/trabalhista etc. e as direções traidoras da CUT e Força Sindical defendem as reformas imperialistas encaminhadas pelo governo Lula-PT contra os trabalhadores, fica mais uma vez mostrado que tal neutralidade não existe.

Os trabalhadores em geral têm demonstrado disposição para lutar. Os do setor público tentam a todo o momento conter as reformas pró-burguesas do governo; os sem-terra e os sem-teto, por meio das ações diretas, recomeçam suas lutas em defesa da reforma agrária e da moradia; os metalúrgicos e demais trabalhadores, diante do anúncio dos patrões de: terceirização, retirada de conquistas/direitos e de demissão; na perspectiva de reagir, força suas direções a chamar assembléias, porém estas longe de organizar a luta, tratam logo de construir acordos juntamente com os patrões de modo que a possibilidade de luta seja desarmada. Dando-se, na seqüência todas as ameaças e ataques dos patrões contra os trabalhadores.

Apesar da vontade de luta das massas, as direções operárias - CUT, Força Sindical, etc - encontram-se completamente corrompidas e a favor das políticas pró-burguesas encaminhadas pelo governo. Retira das mãos dos trabalhadores a decisão sobre a defesa de seus direitos, fazendo com que prevaleçam as decisões do **parlamento, Conselho de Desenvolvimento Econômico, Fórum Nacional do Trabalho, Conselho Nacional do Trabalho** e demais fóruns burocráticos que são montados entre governo e patrões; trata-se de fóruns onde as negociações se concretizam sempre em

favor dos patrões.

Trata-se da expressão política da burguesia nos sindicatos representada pelas direções corrompidas. O papel da burocracia nas organizações do proletariado é de suma importância para a burguesia, pois tem como tarefa domesticar, fragilizar ou impedir a ação direta dos trabalhadores diante dos saques às suas condições de vida realizados pela burguesia.

Ao conseguir colocar os trabalhadores sob dependência do parlamento e demais fóruns já citados, após os objetivos dos trabalhadores serem derrotados, com os parlamentares reconhecendo o direito ao lucro da burguesia e aprovando as Leis e medidas que saqueiam os direitos dos explorados, rapidamente a burocracia dirigente aproveita-se da frustração da massa e trata de desmontar imediatamente a luta, aniquilando toda disposição em resistir demonstrada de início pelos trabalhadores. Essa tem sido a prática da diretoria pelega da **Apeoesp** nas nossas lutas, a exemplo do Plano de carreira dos professores estaduais, Reforma da Previdência, Reforma Tributária e dos ensaios de Planos de Lutas aprovados.

Os sindicatos são as organizações mais numerosas da classe trabalhadora e a burguesia sabe que o destino do sistema capitalista depende destes. A compreensão do papel preponderante que joga os sindicatos e as centrais sindicais na luta de classes é fundamental. Nesse sentido, devemos lutar para libertar os sindicatos do controle da burocracia e dos carreiristas oportunistas para que não sirvam como correia de transmissão da burguesia e contenção das lutas. O sindicato independente e liberto das direções burocráticas, ou seja, do atrelamento à democracia formal e dos partidos políticos burgueses e pequenos burgueses, é aquele que está a serviço da classe trabalhadora, pelas reivindicações históricas e regidos pelas Assembléias de massa, pela unificação das lutas, pela unificação dos trabalhadores do campo e da cidade, apontando sempre na perspectiva da destruição do capitalismo (regido pela política revolucionária).

Enquanto os trabalhadores em educação sofrem derrotas, a Direção da Apeoesp (PT/PSTU/PC do B) vem aumentando consideravelmente o número de diretores sindicais pagos (bem pagos) às custas dos trabalhadores, os quais se distanciam da base da categoria e *agem* como bloqueadores das lutas.

A revogabilidade do mandato do dirigente ou conselheiro deve ser uma palavra de ordem assimilada por todos.

As lutas dos professores tornam-se corporativistas e isoladas devido o papel da direção burocratizada da Apeoesp, que se contrapõem às Assembléias unificadas e ao princípio de unidade das lutas, com isso tiram qualquer possibilidade de que o conjunto dos trabalhadores participe de forma ativa (interfiram diretamente na produção), fortalecendo a luta em defesa da educação pública.

A luta do professorado unificada com os demais trabalhadores, além de fortalecer esta, dificulta à

burguesia e aos governos desmoralizar a categoria, perante a comunidade escolar.

Já em 1905, os trabalhadores em luta construíram uma forma de organização superior das massas, ou seja, uma organização que unificou todos os explorados, as Assembléias gerais, os soviets que, em 1917, se concretizou como forma de derrubada do poder burguês e estruturação do poder do proletariado.

A DEMOCRACIA OPERÁRIA NADA TEM A VER COM A “PROPORCIONALIDADE” IMPLANTADA PELOS SETORES DA DIRETORIA DA APEOESP

A proporcionalidade no sindicato deve ser um complemento da democracia operária. Por isso, de nada vale sua aplicação formal desvinculada desse princípio. Não podemos falar da proporcionalidade sem o rompimento com o corporativismo, sem a defesa da unificação das lutas, sem o controle da base sobre a direção e os rumos das lutas através das assembléias, ou seja, sem o combate aos métodos burocráticos que tem levado nossas lutas à derrota.

Nas assembléias, enquanto direção, estas tem atuado em conjunto, se contrapondo às propostas de luta e ação direta das massas e aos princípios da democracia operária.

Essa prática reacionária e burocrática desenvolvida há anos pela Articulação-PT e CSC-PCdoB na direção da Apeoesp, conhecida pela veemência com que se contrapõem à democracia operária, ao mesmo tempo em que substituem as ações diretas dos trabalhadores pelos mecanismos da política burguesa (eleitoralismo/pressão parlamentar, e negociatas).

A eliminação da burocracia significa colocar em prática a democracia operária e seus mecanismos que se dá por meio das lutas e participação direta do conjunto dos trabalhadores.

- Abaixo a política burocrática da diretoria da Apeoesp;

- Em defesa da democracia operária e da proporcionalidade direta e qualificada.

DEFESA DA GREVE E DO MÉTODO DA AÇÃO DIRETA

A independência dos sindicatos em relação à política dos partidos burgueses significa concretamente derrotar a burocracia e sua política, o que corresponde ao desenvolvimento da ação e luta das massas em torno do programa de suas necessidades, do exercício da democracia operária e da aplicação dos métodos de luta e unidade classista.

Chamando-os à solidariedade ativa com ações práticas em defesa da escola pública. Esse fortalecimento é condição para encurralar o governo de modo que este não possa contar com o tempo e o desgaste. O bloqueio das vias públicas é uma das ações que tem

poder de interferir diretamente na produção, além de paralisações, entre outras.

Não se tratando, portanto, de uma luta contra um mero governo, seja ele qual for, desse ou daquele setor da burguesia, como sugere a orientação burguesa-reformista do PT e PC do B que atuam no sentido de transformar a luta dos trabalhadores em meras disputas eleitoreiras e não no sentido de reforçá-la através dos métodos da política e democracia operária (unidade e ação direta das massas) para barrar a burguesia e seus mecanismos. Ao contrário agem para que os rumos da luta estejam submetidos aos ditames e regras dos organismos da burguesia em geral, procuram desviar o movimento para o parlamento.

Nesse sentido está colocada a necessidade de uma oposição como forma de uma direção revolucionária para a Apeoesp com um programa que tenha como objetivo a destruição do sistema de exploração capitalista apoiando-se no método de ação direta. Uma oposição á política burocrática na Apeoesp que além do compromisso com os métodos e programa operário, tem como responsabilidade, não medir esforços para envolver todas as forças da categoria verdadeiramente dispostas em trabalhar para por em pé a luta baseada nas ações diretas dos trabalhadores em educação e dos demais setores, a partir da base, constituindo uma frente única de ação. Por isso lutamos:

- Pela defesa do método de ação direta das massas;
- Pela unidade classista na luta;
- Pelas assembléias unitárias dos setores em luta;
- Pelas plenárias organizativas com participação da base dos setores em luta;
- Pelo apoio aos organismos de caráter classista/massivos e abertos;
- Abaixo os métodos burocráticos de submissão da luta dos trabalhadores aos organismos do Estado burguês (parlamento, justiça...).

PLANO DE LUTAS

Propomos:

- Que todos os demitidos (desempregados da categoria) serão sócios natos, até que arrumem emprego, ocasião em que decidirão se continuará como sócio ou não.
- Que os sindicatos cumpram com a missão para a qual foram criados, ou seja, resistência e luta contra os burgueses e por melhores condições de trabalho e de vida.
- Que os sindicatos sejam escolas vivas de comunismo rumo à sociedade sem classes
- Que as assembléias sejam realmente deliberativas passando todas as decisões por estas inclusive as decididas nos Congressos.
- Que as reuniões de R.E.s sejam verdadeiras assembléias regionais abertas a todos os professores e movimentos populares;
- Que as reuniões do CER sejam abertas à base com direito a voz e voto seguido sempre de aprovação

em Assembléias.

- Que a estrutura da Apeoesp seja colocada à disposição das lutas;
- Todo apoio aos professores Tonhão, Cleosmire, Marcos, Claudinho e Lourival, demitidos por causa da greve de 2000. Que nós do movimento de Oposição e do Comitê assumimos a dianteira na luta pela readmissão dos companheiros, organizando manifestação, convocando todas as sub-sedes para se juntarem na luta, exigindo da diretoria da Apeoesp a convocação de um movimento pela readmissão imediata, bancando todos os gastos, desde advogados até o pagamento do salário real aos demitidos, até que os mesmos sejam readmitidos;
- Que a Apeoesp rompa com a política burguesa e conciliadora com o governo Alckmim, denunciando as perseguições políticas, pois caso isto não aconteça, o governo continuará implementando a sua política fascista para intimidar a categoria grevista com demissões e processos administrativos e criminais;
- Que as finanças do sindicato seja destinada à organização da categoria, e não para fins particulares e eleitoreiros. Têm muito dinheiro em caixa e deste deve ser destinada uma parcela significativa para anúncios em tv, rádios, confecção de outdoors e jornais e, principalmente, na organização da base da categoria e no envolvimento da comunidade escolar e categorias produtivas;
- Abaixo os governos burgueses, pró-burgueses e seus aliados;
- Preparação de uma greve geral para barrar a ofensiva do neoliberalismo;
- Unidade dos trabalhadores do campo e da cidade; Todo apoio à luta dos trabalhadores oprimidos;
- Defesa da greve como instrumento de luta; Não ao imobilismo;
- Não aos abaixo-assinados, aos aerogramas e às caravanas;
- Contra a municipalização do ensino; Mobilização contra a privatização dos serviços públicos;
- Luta pela autonomia dos Conselhos de Escola; Estabilidade a todos professores que já atuam na rede;
- Defesa da melhoria dos serviços públicos (educação, saúde transporte coletivo e habitação);
- Contra as reformas do Ensino Médio, Ensino Fundamental, Universitária, Sindical e Trabalhista;
- Um sindicato atuante, mobilizador e unificador das lutas; Em defesa da liberdade e autonomia sindical;
- Aposentadoria para todos os trabalhadores aos 25 anos de serviço, com o salário igual ao da ativa;
- Maiores investimentos nas Escolas públicas, contra a rede privada de ensino;
- Volta da grade curricular de 1997 com seis aulas no diurno e cinco no noturno;
- Que o nosso Sindicato assuma a dianteira, exigindo das Centrais Sindicais e dos outros Sindicatos a organização de um poderoso Movimento de massa visando à luta antiimperialista; Contra as intervenções

De como se dá o controle ideológico

Para começar se faz necessário lembrar que no regime da democracia formal, ou seja, da democracia burguesa, somente uma classe é favorecida: a classe dos burgueses, dos exploradores; a outra classe — o proletariado explorado — tem diante de si somente a proliferação da miséria, fome e violência. Não obstante, ainda tem que cumprir as leis, tem que votar, ser cidadão e respeitar o Estado democrático de direito, mesmo que não tenha emprego e passe fome. Se não, vejamos. Existe um fator fundamental que legitima essa tal de democracia formal: é o voto. Em outras palavras, a democracia formal é baseada na representatividade em que a maioria só vota, não decide nada; onde uns poucos “decidem” através de conchavos o destino de milhões de pessoas; onde a burguesia encontra espaço e apoio para defender seus interesses e sua propriedade privada; onde, enfim, o sistema de exploração capitalista, com toda a sua agiotagem, tem sua manutenção assegurada.

Há duas principais formas de controle sobre o povo: Primeiro, e principalmente, o controle ideológico — regido pelas leis, parlamento e igreja; segundo, o controle pela força bruta, ou seja, polícia, exército, etc. O controle ideológico se configura como o mais nocivo de todos, pois age cerceando diretamente a liberdade de expressão e, como se não bastasse, ainda impede ou tenta impedir qualquer esboço de reação das lideranças dos movimentos sociais e similares. Já o controle pela força bruta — ação da polícia, exército, guardas brancas — se dá, em geral, para conter as massas rebeladas e seus “excessos” para assim, manter a ordem vigente. Essas duas formas de controle, juntas, amordaçam as massas, e quando o regime se vê ameaçado a democracia mostra sua verdadeira face, ou seja: tortura, fim das liberdades políticas, prisões, ditaduras militares, e o fascismo.

Mas o controle ideológico não se dá somente sobre as massas. Dá-se também sobre a Cultura e os meios de comunicação. Ora, sempre em todos os governos e regimes, seja os que dizem de esquerda ou de direita, houve sempre idéias para controlar a cultura, a exemplo do teatro; houve sempre idéias, principalmente, para controlar os meios de comunicação: imprensa escrita, rádio e televisão e cada dia fica mais restrito a tal da liberdade de imprensa, visto que, a concentração de capital se dá também nos meios de comunicação de massa.

Vale lembrar que nas ditaduras o controle sobre a imprensa e a cultura ocorre de forma intimidadora com os agentes do governo participando e interferindo diretamente na edição de matérias, etc. Nos tempos da ditadura militar aqui no Brasil era comum atores de teatro serem espancados por paramilitares. Era comum se verem agentes infiltrados até mesmo em salas de aula. Tudo isso são formas de censura, de intimidação, para que certas doutrinas sejam assimiladas.

Aqui no Brasil vem se discutindo desde o ano 2000, pela Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas, organismo totalmente burocrático e representante governamental), a formação de um Conselho Federal de Jornalistas (o CFJ). Segundo Bety Rita Rodrigues Ramos, a vice-presidente da Fenaj, “a sociedade está sendo envenenada pela grande imprensa, que usa palavras como “censura”, “cerceamento” e “punição”, para divulgar a posição contrária ao projeto de criação do Conselho Federal de Jornalismo”. Ainda, segundo Bety Rita, o objetivo é distorcer a idéia do projeto como uma reivindicação antiga da categoria de jornalistas profissionais brasileiros, que luta há 20 anos pela criação do Conselho fe-

deral.

Segundo a Fenaj, o projeto não é do governo; o governo apenas apóia o projeto. É... tanto apóia que o Poder Executivo já enviou o projeto de lei à Câmara Federal no último dia 4 de agosto.

E prossegue a defesa do projeto:

“O Conselho Federal de Jornalismo vai ser criado nos mesmo moldes dos demais conselhos e não tem como função punir o profissional, censurar ou cercear a profissão. Muito pelo contrário, vai zelar pela informação de qualidade e a ética no exercício da profissão. Quem se coloca contra são os empregados, que não estão conectados à categoria, nem se sentem comprometidos com o profissional jornalista”, explica a representante da Fenaj.

Pois bem. São as tentativas mais recentes do Governo em impedir, e até mesmo intimidar jornalistas e membros do Ministério Público por investigarem notícias que não eram do seu agrado (do Governo), a exemplo das suspeitas sobre o atual presidente do Banco Central do Brasil, Henrique Meireles, que aliás, agora tem status de ministro, o que lhe confere imunidade, isto é, não pode ser investigado. Verdade seja dita: Não são só tentativas; é controle mesmo!

Um dado importante é que a Fenaj é aparentemente um órgão legítimo, com representantes (jornalistas) que estão engajados no exercício da profissão. De fato, é só aparência. Ou seja, a diretoria atual da entidade não é uma expressão de jornalistas que trabalham em jornais, revistas e emissoras de rádio e televisão. A maioria está afastada das redações e presta serviços de acessória a empresas estatais e políticos.

O acesso à cultura e ao saber não carece do controle por parte do Estado ou mesmo do poder econômico.

Assim como o projeto da reforma Sindical e Trabalhista o governo do PT cria o Conselho Nacional de Relações do Trabalho, submetendo e atrelando ainda mais toda a atividade sindical ao Estado, com o projeto do Conselho Federal de Jornalistas se dá o mesmo. Todas as atividades destes profissionais terão que passar pelo controle ideológico e político dos representantes do governo (da burguesia). Ou seja, o governo não só está apoiando, mas também implementando a formação do Conselho federal de Jornalistas. E, provavelmente vai conseguir, pois dispõe de burocratas à vontade para cumprir esta tarefa.

Ressaltamos ainda (é claro que assunto não se esgota por aqui) que para a burguesia pôr em prática o tal do controle ideológico, age de muitas formas:

- Age diretamente nos meios de comunicação, onde o controle é massivo;
- Age no ensino, principalmente no ensino acadêmico, onde o controle é quase que ditatorial;

(Tentemos defender, por exemplo, uma tese marxista numa dessas faculdades e vejamos o que acontece!)

e muitas vezes, quando o controle pelas idéias não dá certo, manda descer o porrete ou pela via perseguição e repressão.

E para terminar: Tem a igreja, que se encarrega de conformar as massas e de dar-lhes esperança. Mas, não faz isto sozinha; age com políticos (parlamento) e a burguesia.

